

UNIVERSIDADE DE TAUBATÉ
Flávia Guimarães Rubin Carvalho

A VIVÊNCIA DA CONJUGALIDADE NAS DIFERENTES FASES DO
CICLO VITAL: relatos de casais na fase madura

Taubaté – SP
2022

Flávia Guimarães Rubin Carvalho

**A VIVÊNCIA DA CONJUGALIDADE NAS DIFERENTES FASES DO
CICLO VITAL: relatos de casais na fase madura**

Monografia apresentada para obtenção do Certificado de Especialização pelo curso de Pós-graduação Lato Sensu em: Intervenção Familiar: Psicoterapia e Orientação do Departamento de Psicologia da Universidade de Taubaté.

Orientadora: Profa. Dra. Ceneide Maria de Oliveira Cerveny

**Taubaté – SP
2022**

Sistema Integrado de Bibliotecas - SIBi
Grupo Especial de Tratamento da Informação – GETI
Universidade de Taubaté – UNITAU

C331v Carvalho, Flávia Guimarães Rubin
A vivência da conjugalidade nas diferentes fases do ciclo vital :
relatos de casais na fase madura / Flávia Guimarães Rubin
Carvalho. – 2022.
65 f. : il.

Monografia (especialização) – Universidade de Taubaté,
Departamento de Pesquisa e Pós-graduação, 2022.

Orientação: Profa. Dra. Ceneide Maria de Oliveira Cerveny,
Departamento de Psicologia.

1. Família. 2. Relacionamento conjugal. 3. Ciclo vital. 4. Fase
madura. I. Universidade de Taubaté. Departamento de Pesquisa e
Pós-graduação. Especialização Intervenção Familiar: Psicoterapia,
Orientação e Mediação de Conflitos. II. Título.

CDD – 158.24

Flávia Guimarães Rubin Carvalho

**A VIVÊNCIA DA CONJUGALIDADE NAS DIFERENTES FASES DO CICLO VITAL:
relatos de casais na fase madura**

Monografia apresentada para obtenção do Certificado de Especialização pelo curso de Pós-graduação Lato Sensu em: Intervenção Familiar: Psicoterapia e Orientação do Departamento de Psicologia da Universidade de Taubaté.

Data: _____

Resultado: _____

Profa. Dra. Ceneide Maria de Oliveira Cerveny

Assinatura: _____

Dedico este trabalho a meus pais, um casal que tanto me inspirou na construção deste tema, aos meus avós maternos e paternos que foram casados durante tantos anos e com eles aprendi a ser família...

Ao meu esposo tão querido companheiro de todas as horas e aos meus filhos Tatiana e André que me ensinaram a ser mãe e juntos trilhamos caminhos desafiadores de forma tão leve e divertida.

A vocês, todo meu carinho e gratidão

AGRADECIMENTOS

Agradeço à minha orientadora, querida mestra Prof. Dra. Ceneide Cerveny pelas valiosas orientações e todos os ensinamentos que deixou para nós, terapeutas de família.

Aos casais entrevistados, por me permitirem ouvir suas histórias e serem tão generosos comigo.

Aos queridos professores da Pós-Graduação em Intervenção Familiar que sempre foram atenciosos e dedicados em seu trabalho conosco.

Aos colegas de curso que tanto me ensinaram e se fizeram presentes em todos os momentos destes últimos dois anos de curso.

RESUMO

O tema que norteou esta pesquisa é a vivência da conjugalidade nas diferentes fases do ciclo vital a partir de relatos de casais na fase madura. A família se desenvolve em fases dentro de um ciclo que se inicia quando a família se forma, chamada fase de aquisição e segue até a fase última. Dentro do tema proposto, tem-se a seguinte questão de Pesquisa: Como os casais na fase madura vivenciaram a conjugalidade nas diferentes fases do ciclo vital? Tem-se como objetivo conhecer e analisar, a partir de relatos de casais na fase madura, sobre como vivenciaram a conjugalidade: suas expectativas, desafios e planos nas diferentes fases do ciclo vital. Este estudo delimita-se a quatro casais na fase madura, que moram no Vale do Paraíba, região do Estado de São Paulo, sendo a pesquisa realizada pelo próprio aluno pesquisador, no segundo semestre de 2021. Esta pesquisa consiste em estudo de casos múltiplos, qualitativo, de nível exploratório e corte transversal. Ao final desta pesquisa compreendeu-se o processo da construção da conjugalidade e sua manutenção diante de vivências de conflitos e desafios na história do casal. Identificou-se os principais desafios enfrentados pelo casal em cada fase do ciclo vital: aquisição, adolescente e madura, os impactos sofridos, bem como formas de resolução utilizadas. O diálogo constituiu-se como elemento fundamental em todas as fases vividas sendo facilitador na adaptação à todas as fases.

Palavras-chefes: Família. Conjugalidade. Ciclo Vital. Fase Madura

ABSTRACT

The theme that guided this research is the experience of conjugality in the distinct phases of the life cycle from the reports of couples in the mature phase. The family develops in phases within a cycle that begins when the family is formed, called the acquisition phase, until the last phase. Within the proposed theme, we have the following research question: How do couples in the mature phase experience conjugality in the distinct phases of the life cycle? The objective is to know and analyze, from the reports of couples in the mature phase, how they experienced conjugality: their expectations, challenges and plans in the distinct phases of the life cycle. This study is limited to four couples in the mature phase, who live in Vale do Paraíba, a region in the state of São Paulo. This research consists of multiple case study, qualitative, exploratory level and cross-sectional. At the end of this research, the process of the construction of conjugality and its maintenance in the face of experiences of conflicts and challenges in the history of the couple was understood. It identified the main challenges faced by the couple in each phase of the life cycle: acquisition, adolescence and maturity, the impacts suffered, as well as the forms of resolution used. Dialogue was a fundamental element in all phases experienced, being a facilitator in adapting to all phases.

Keywords: Family. Conjugality. Vital Cycle. Mature Phase.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Caracterização do casal 1	34
Figura 2 – Caracterização do casal 2	34
Figura 3 – Caracterização do casal 3	35
Figura 4 – Caracterização do casal 4	35

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Informações referentes aos filhos coletadas na entrevista.....	36
Quadro 2 – Imagem de se viver como casal	37
Quadro 3 – Experiência de se separar da família de origem.....	38
Quadro 4 – Combinados, acordos e adaptações no começo da vida juntos.....	38
Quadro 5 – Problemas ou dificuldades nos primeiros anos de união.....	39
Quadro 6 – Solução dos problemas ou dificuldades nos primeiros anos de união	40
Quadro 7 – Grupos mais próximos do casal no início da vida conjugal	40
Quadro 8 – A relação do casal com o nascimento dos filhos	41
Quadro 9 – Dificuldades com o crescimento dos filhos.....	42
Quadro 10 – Trato das dificuldades com o crescimento dos filhos.....	42
Quadro 11 – Filhos na idade adulta e a relação do casal	43
Quadro 12 – Mudanças na família quando os filhos cresceram	43
Quadro 13 – Trato das mudanças com o crescimento dos filhos	44
Quadro 14 – Planos para o futuro.....	45
Quadro 15 – Expectativas sobre viver juntos	45

SUMÁRIO

LISTA DE FIGURAS.....	7
LISTA DE QUADROS	8
1. INTRODUÇÃO.....	10
1.1. PROBLEMA DE PESQUISA.....	10
1.2. OBJETIVOS	11
1.2.1. Objetivo Geral	11
1.2.2. Objetivos Específicos	11
1.3. DELIMITAÇÃO DO ESTUDO	11
1.4. RELEVÂNCIA DO ESTUDO.....	11
1.5. ORGANIZAÇÃO DA MONOGRAFIA.....	12
2. REVISÃO DA LITERATURA	13
2.1. A FAMÍLIA	13
2.2. SER CASAL E A CONSTRUÇÃO DA CONJUGALIDADE	16
2.3. O CICLO VITAL DA FAMÍLIA	18
2.4. COMPREENDENDO O “SER CASAL” NA FASE MADURA DO CICLO VITAL ..	22
3. MÉTODO	30
3.1. TIPO DE PESQUISA	30
3.2. PARTICIPANTES.....	31
3.3. INSTRUMENTO	31
3.4. PROCEDIMENTO.....	32
3.5. ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO.....	32
4. RESULTADOS E ANÁLISE.....	34
4.1. CONSTRUÇÃO DA CONJUGALIDADE	37
4.2. OS PRINCIPAIS EVENTOS MARCANTES NA VIDA DO CASAL	39
4.3. CONFLITOS VIVENCIADOS PELO CASAL	41
4.4. EXPECTATIVAS DO CASAL PARA A FASE ÚLTIMA.....	44
4.5. ANÁLISE DOS DADOS	46
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	56
REFERÊNCIAS.....	58
APÊNDICE A – Roteiro de Entrevista	61
ANEXO 1 – Parecer Consubstanciado do CEP – número: 4.828.187	62
ANEXO 2 – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).....	65

1. INTRODUÇÃO

Neste trabalho foi apresentada a família como um sistema ativo de relações que possui uma forma particular de organização e funcionamento e que apresenta um processo evolutivo que altera seu funcionamento e necessita assim ser reorganizada.

Entendendo-se que a família não é, pois, uma entidade estática e que está em constante processo de mudança, faz-se necessário compreender o indivíduo e a família simultaneamente (CERVENY; BERTHOUD, 2007, p. 17).

A formação do casal é um evento complexo e único, assim como a sua história, uma vez que constitui um modelo de relacionamento emocional para sua família atual. Busca-se no relacionamento conjugal, a aceitação de um indivíduo pelo outro. Essa aceitação nem sempre é simples, ao contrário, representa um processo complexo de mudanças e adaptações, que vão se ajustando (ou não) durante as fases do ciclo vital.

Têm-se nessa relação, a conjugalidade como um projeto de vida. Projeto esse que, na visão de Almeida e Stengel (2012 *apud* ALMEIDA; ROMAGNOLI, 2019, p. 2) *“inclui uma unidade de vivências a constituírem o nós e que ao mesmo tempo mantém as vivências pessoais que conservam a identidade pessoal”*, implicando em um vínculo ético e uma abertura ao outro, caracterizada como um movimento de amor.

Diante do apresentado, o tema que norteará esta pesquisa é a vivência da conjugalidade nas diferentes fases do ciclo vital a partir de relatos de casais na fase madura.

1.1. PROBLEMA DE PESQUISA

Dentro do que foi apresentado, compreendeu-se ser importante responder ao seguinte Problema de Pesquisa: “Como os casais na fase madura vivenciaram a conjugalidade nas fases iniciais do ciclo vital (fase de aquisição, adolescente) e como estão vivenciando a conjugalidade na fase madura?”

1.2. OBJETIVOS

Esta pesquisa estabelece seu objetivo geral, subsidiando por outros quatros objetivos específicos, conforme apresentados a seguir.

1.2.1. Objetivo Geral

Conhecer e analisar, a partir de relatos de casais na fase madura, como vivenciaram a conjugalidade nas fases iniciais do ciclo vital (fase de aquisição e adolescente) e como estão vivenciando a conjugalidade na fase madura.

1.2.2. Objetivos Específicos

Os seguintes objetivos específicos compreendem esta pesquisa:

- Compreender como se construiu a conjugalidade;
- Conhecer os eventos marcantes na vida do casal;
- Identificar quais os conflitos que o casal vivenciou nas fases de aquisição, adolescente e madura do ciclo vital e as estratégias de resolução utilizadas;
- Conhecer as expectativas do casal para a fase última.

1.3. DELIMITAÇÃO DO ESTUDO

Este estudo delimita-se a quatro casais na fase madura, que moram no Vale do Paraíba, região do Estado de São Paulo, sendo a pesquisa realizada pelo próprio aluno pesquisador, no segundo semestre de 2021.

Entre as diferentes formas de delimitar o ciclo vital, será considerado neste estudo o Ciclo Vital de Cerveny, dividido em quatro fases (Aquisição, Adolescente, Madura e Última), por subsidiar diretamente na resposta ao Problema de Pesquisa definido.

1.4. RELEVÂNCIA DO ESTUDO

Este trabalho é um importante instrumento para que o terapeuta possa conhecer e criar estratégias para intervenção na clínica com famílias e grupos de

orientação de casais, uma vez que, ter o conhecimento do desenvolvimento da família facilita a previsão e antecipa os desafios que serão enfrentados no estágio de desenvolvimento de uma dada família, e isso permite melhorar o entendimento do contexto (MCWHINNEY, 1994; CARTER; MCGOLDRICK, 1995; WILSON; BADER, 1996 *apud* DITTERICH; GABARDO; MOYSÉS, 2009, p. 519).

Neste sentido estudar teoricamente o ciclo vital da família e a vivência da conjugalidade pode promover avanço nas investigações na área de estudos de família e assim promover novas reflexões sobre os novos arranjos familiares.

Segundo Mosmann, Wagner e Féres-Carneiro (2006, p. 317), o refinamento metodológico nos instrumentos de mensuração pode também aprimorar o trabalho clínico dos terapeutas no tratamento do número cada vez maior de casais que procuram ajuda para lidar com suas dificuldades conjugais.

1.5. ORGANIZAÇÃO DA MONOGRAFIA

Este trabalho está organizado em cinco capítulos, sendo o primeiro a introdução, onde se apresenta o tema a ser pesquisado, o problema de pesquisa que traz a pergunta a ser respondida ao final da pesquisa, os objetivos gerais e específicos e a relevância deste estudo.

O segundo capítulo com a revisão da literatura, onde foram apresentadas as referências que forneceram embasamento teórico para este estudo, abordando os temas relacionados à família, conjugalidade, ciclo vital e fase madura.

O terceiro traz o método proposto, onde foram apresentados o tipo de pesquisa, os instrumentos para coleta de dados, os participantes, e como foi feita análise dos dados.

O quarto capítulo trata-se dos resultados e análise, onde foi apresentada a análise dos relatos dos casais, considerando vivência da conjugalidade, as expectativas, desafios e planos nas diferentes fases do ciclo vital;

Ao final, o último capítulo com as considerações finais, onde foi respondida à questão do problema de pesquisa e sugeridas pesquisas futuras, seguida das referências bibliográficas das obras e autores citados do trabalho.

2. REVISÃO DA LITERATURA

Neste capítulo estão apresentados estudos teóricos a partir de autores renomados em temas relacionadas a família, ciclo vital da família, conjugalidade e fase madura do ciclo vital.

2.1. A FAMÍLIA

A família, como objeto de estudo, nos convida a realizar algumas reflexões, começando por sua origem e definição.

Conforme Noronha e Parroni (2012), a origem da família está diretamente ligada à história da civilização, uma vez que surgiu como um fenômeno natural, fruto da necessidade do ser humano em estabelecer relações afetivas de forma estável. Roudinesco (2003) cita que Claude Lévi-Strauss¹, em 1956, escreveu:

[...] a vida familiar apresenta-se em praticamente todas as sociedades humanas, mesmo naqueles cujos hábitos sexuais e educativos são muito distantes dos nossos. Depois de terem afirmado, durante aproximadamente cinquenta anos, que a família, tal como a conhecem as sociedades modernas, não podia ser senão um desenvolvimento recente, resultado de longa e lenta evolução, os antropólogos inclinam-se agora para a convicção oposta, isto é, que a família, ao repousar sobre a união mais ou menos duradoura e socialmente aprovada de um homem, de uma mulher e de seus filhos, é um fenômeno universal, presente em todos os tipos de sociedades (ROUDINESCO, 2003, p.10).

Roudinesco (2003), por meio do estudo de Claude Lévi-Strauss explica que a família é um fenômeno universal que supõe uma aliança de um lado (o casamento) e uma filiação do outro (os filhos), sendo assim, sua função de unir um homem e uma mulher, isto é, um ser de sexo masculino e outro de sexo feminino. Ainda, o autor descreve que, após ter destacado que a universalidade da família repousa nessa concepção naturalista da diferença dos sexos, Claude Lévi-Strauss corrige o

1 Claude Lévi-Strauss foi um antropólogo, professor e filósofo francês, embora tenha nascido na Bélgica. É considerado o fundador da antropologia estruturalista, em meados da década de 1950, e um dos grandes intelectuais do século XX. Entende-se como antropologia estruturalista a busca de elementos duradouros e correspondências estruturais entre sociedades de tipos diferentes para descobrir se existem estruturas fundamentais que seriam a base da Antropologia. Nasceu em 28 de novembro de 1908, em Bruxelas, Bélgica e faleceu em 30 de outubro de 2009, Paris, França.

efeito dogmático que poderia produzir a adesão a essa evidência acrescentando que uma outra condição é necessária à criação da família: a existência prévia, diz ele, de *“duas outras famílias, uma pronta a fornecer um homem, a outra, uma mulher, que por seu casamento farão nascer uma terceira e assim indefinidamente”*.

Roudinesco (2003) destaca que este esclarecimento chama nossa atenção para o fato de que duas abordagens do fenômeno familiar são possíveis:

- A primeira, sociológica, histórica ou psicanalítica, privilegia o estudo vertical das filiações e das gerações insistindo nas continuidades ou nas distorções entre os pais e os filhos bem como na transmissão dos saberes e das atitudes herdadas de uma geração à outra.
- A segunda, mais antropológica, ocupa-se sobretudo da descrição horizontal, estrutural ou comparativa das alianças, enfatizando que cada família provém sempre da união - logo, do estilhaçamento - de duas outras famílias.

De todo modo, continua Roudinesco (2003), e é Lévi-Strauss quem prossegue:

o que diferencia realmente o homem do animal é que, na humanidade, uma família não seria capaz de existir sem sociedade, isto é, sem uma pluralidade de famílias prontas a reconhecer que existem outros laços afora os da consanguinidade, e que o processo natural da filiação somente pode prosseguir através do processo social da aliança (ROUDINESCO, 2003, p.10).

Gladding (2015) apresenta definições de uma família ainda mais ampla. Uma família é considerada como um grupo de pessoas biologicamente e/ou psicologicamente relacionadas, conectadas por um histórico, com laços emocionais, ou econômicos, que percebem-se como parte de uma família.

No Estados Unidos e em todo o mundo, as famílias são cada vez mais formadas por vínculos não biológicos (GLADDING, 2015, p. 54).

Cervený (2011) considera família como um sistema dentro do qual pessoas mantêm relações significativas, ou seja, relações de interdependência entre os vários subsistemas da família.

No geral, as famílias são caracterizadas por funções econômicas, físicas, sociais e emocionais. Há uma dupla ênfase em fomentar o desenvolvimento de

indivíduos dentro das famílias e, simultaneamente, oferecer estabilidade e proteção a seus membros, bem como a preservação da estrutura da unidade familiar (BURR, HILL; NYE; REISS, 1979; STRONG; COHEN, 2013 *apud* GLADDING, 2015, p. 54).

Cervený (2011) escreve sobre a própria dificuldade de conceituar a família brasileira, visto que os estudos históricos sobre o assunto mostram que, sob a denominação de família, existe uma pluralidade de composições que incluem: laços sanguíneos, relações não formalizadas por parentesco, família conjugal ou extensa, núcleo doméstico e família não legitimada juridicamente, entre outras.

Estudar família no Brasil sempre foi considerando um grande desafio, levando-se em conta que coexistem em nosso país um número significativo de arranjos familiares, caracterizados por grande diversidade cultural. Na verdade, podemos dizer que não existe a “família brasileira”, mas sim as “famílias brasileiras”, configuradas por padrões econômicos, sociais e culturais diversos, nos quais, perpassam ainda características da vida contemporânea, seja rural ou urbana, que demandam do núcleo familiar adaptações e transformações, no movimento constante de adequação funcional às vicissitudes da vida (CERVENÝ; BERTHOUD, 2007, p. 13).

Em estudo financiado pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada - IPEA (MEDEIROS; OSORIO, 2001, p. 6), relacionado à classificação e evolução dos arranjos domiciliares no Brasil, no período de 1977 a 1998, apresentou as famílias como instituições com várias características, como laços de parentesco e normas de relacionamento que determinam direitos e obrigações de várias espécies a seus membros. Como a convivência entre os membros pode oscilar em intensidade, as famílias podem variar bastante em composição e organização.

A depender da forma como são estabelecidas na sociedade, as normas de convivência podem manter fortemente relacionados parentes de gerações e colinearidades distantes ou ainda limitar a relação mais intensa aos parentes próximos. Essa relação consiste, entre outras coisas, de uma divisão de trabalho e recursos entre os membros da família (MEDEIROS; OSORIO, 2001, p. 6).

Entretanto, o estudo do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada - IPEA refere-se à família como uma organização formada por um conjunto de pessoas com quaisquer laços reconhecidos de parentesco, independentemente de seu local de residência, ou seja, os membros do que se considera uma família nem sempre coabitam, pois, muitas vezes, apesar da separação espacial, os membros de uma

família continuam mantendo uma convivência bastante intensa (MEDEIROS; OSORIO, 2001, p. 6).

Em contraponto ao que é apresentado pelo IPEA, o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE apresenta a família de forma mais restrita, considerando-a como um conjunto de pessoas ligadas por laços de parentesco na unidade doméstica (IBGE, 2010).

2.2. SER CASAL E A CONSTRUÇÃO DA CONJUGALIDADE

De acordo com Bertin (2013, p.18), a conjugalidade pode ser comparada a uma obra de arte na medida em que no processo de construção implica alguns elementos comuns: habilidade, regras, persistência, tolerância, respeito, cuidado e amor. Desse modo, o casal está sempre em estado de construção.

Ao longo do tempo de vida, o casal gera juventude e vigor que permite o crescimento e leva a uma vida conjugal bem-sucedida. *“Sem dúvida, um laboratório que propicia o desenvolvimento humano, pois ao mesmo tempo em que cada parceiro tem a tarefa de construir significados e sentidos sobre si mesmo, vão construindo a relação conjugal”* (BERTIN, 2013, p.18).

A conjugalidade surge a partir de dois “eus”, de duas subjetividades, em direção a um terceiro “eu”; surge da necessidade de formar uma identidade compartilhada, o casal, que é tão único quanto cada um dos “eus” que o originou (FERES-CARNEIRO, 1994).

Feres-Carneiro (1998) destaca que todo fascínio e toda dificuldade de ser casal, reside no fato de o casal encerrar, ao mesmo tempo, na sua dinâmica, duas individualidades e uma conjugalidade, ou seja, de o casal conter dois sujeitos, dois desejos, duas inserções no mundo, duas percepções do mundo, duas histórias de vida, dois projetos de vida, duas identidades individuais que, na relação amorosa, convivem com uma conjugalidade, um desejo conjunto, uma história de vida conjugal, um projeto de vida de casal, uma identidade conjugal.

Osório (2002) coloca que com o objetivo de se tornar único com o outro, muitas pessoas procuram estabelecer uma união conjugal. Um relacionamento conjugal acontece quando dois indivíduos de sexo igual ou diferente compartilham a vida, a fim de procriação e/ou realização de ritual do casamento civil ou religioso.

De acordo com Saarni (1999 *apud* MACHADO, 2007, p. 21), a maioria dos seres humanos, quando busca encontrar relacionamentos significativos e experimentar o amor e a intimidade, casa-se, e nessa união ambos procuram a companhia e a autoafirmação no parceiro. Sendo assim, o amor é considerado como o relacionamento que mais provê felicidade e bem-estar e que melhor satisfaz nossas necessidades emocionais básicas, porque quando recebe apoio e fortalecimento emocional, os cônjuges podem sentir-se confiantes, leais e respeitosos em suas uniões.

Os primeiros estágios do relacionamento de um casal são caracterizados pela idealização. Homens e mulheres no casamento inicialmente idealizam um ao outro e se relacionam de acordo. Esse fenômeno se dissipa até certo ponto no decorrer do casamento. No entanto, algumas evidências indicam que os indivíduos que relatam um alto nível de satisfação conjugal também mantêm um alto nível de distorção idealística sobre seus casamentos e cônjuges: Eles relatam que são melhores do que realmente são (FOWERS; LYONS; MONTEL, 1996 *apud* GLADDING, 2015, p. 66).

Essa qualidade de se verem positivamente, ou através de "lentes cor de rosa", ajuda os casais a resistir. É exatamente o oposto daqueles com maior probabilidade de se divorciar, que se veem através de "lentes embaçadas" e são cínicos e incapazes de dizer coisas boas um sobre o outro (PETERSON, 2000a *apud* GLADDING, 2015, p. 66).

Apesar dos benefícios trazidos pela união conjugal, apontados por Saarni (1999 *apud* MACHADO, 2007, p. 21), ela está sujeita a vários conflitos pelos mais variados motivos. De acordo com Feres-Carneiro (1998), as maiores dificuldades encontradas para que essas duas pessoas formem um casal são:

- o fato de duas pessoas encerrarem suas individualidades ao mesmo tempo, quando decidem viver uma relação conjugal;
- de passarem a obter dois sujeitos, dois desejos, duas maneiras de se inserirem no mundo; e
- de seus desejos e projetos passarem a ser em conjunto com outra pessoa.

Outra dificuldade apontada por Pardal, Bassit e Wanderley (2008) é que durante a conjugalidade os membros reveem seus hábitos pessoais e estereótipos

de relacionamento e esse ajuste não acontece sem algum desprendimento ou alguma mudança, pois o que antes era identidade passa a ser uma diferença e pode vir à tona todo tipo de desigualdades que existem entre o casal.

Feres-Carneiro (1998) questiona como é ser dois sendo um? E como ser um sendo dois? Na lógica do casamento contemporâneo, um e um são três. Para Philippe Caillé (1991 *apud* FERES-CARNEIRO, 1998), cada casal cria seu modelo único de ser casal, que ele chama de "absoluto do casal", que define a existência conjugal e determina seus limites. A sua definição de casal, contém, portanto, os dois parceiros e seu "modelo único", seu absoluto, sua conjugalidade.

2.3. O CICLO VITAL DA FAMÍLIA

As famílias crescem, inflam e ramificam-se, dando flores e frutos. Revolvendo a terra, novas sementes serão plantadas, germinando... algumas receberão a luz e o calor do sol, outras conviverão com a umidade... Cai a chuva, vem o vento, levando o pólen e o cheiro para novos rumos... outros nascem, novos galhos da mesma árvore. Fertilidade, reprodução, assim é a natureza, o homem, o ciclo da vida (CARBONE; COELHO, 2009, p.116).

Uma família pode ser observada e descrita sob diferentes aspectos (CERVENY; BERTHOUD, 2007):

- o primeiro vê a família como uma estrutura mais ou menos rígida (regras, hierarquias, papéis);
- o segundo aspecto descreve esta mesma família pelo seu funcionamento e dinâmica (como se relacionam, estabelecimento e manutenção dos vínculos), e;
- o outro aspecto é olhar para esta família pela sua etapa desenvolvimental (quando a família começou, idade dos filhos, idade dos pais, quantas gerações convivem etc.) Esse olhar nos dá a descrição da família em relação ao seu ciclo de desenvolvimento, da etapa na qual está inserida, ou seja, seu ciclo vital.

O ciclo vital familiar é um conjunto de etapas ou fases definidas sob alguns critérios (idade dos pais, dos filhos, tempo de união de um casal entre outros) pelos quais as famílias passam, desde o início da sua constituição em uma geração até a morte do ou dos indivíduos que a iniciaram (CERVENY, 2011, p. 21).

O ciclo de vida familiar é o termo usado para descrever as tendências de desenvolvimento dentro da família ao longo do tempo (MCGOLDRICK; CARTER; GARCIA-PETRO, 2011 *apud* GLADDING, 2015, p. 62). Este modelo inclui todas as dimensões do curso de vida individual, mas enfatiza a família como um todo. Inerente a esse modelo está a tensão entre a pessoa como indivíduo e a família como sistema. Como outros modelos, o ciclo de vida familiar enfatiza alguns estágios e aspectos da vida mais do que outros.

O ciclo de vida é um fenômeno complexo, pois ele é uma espiral da evolução familiar, na medida em que as gerações avançam no tempo em seu desenvolvimento que vai do nascimento à morte (MCGOLDRICK; GERSON, 1995 *apud* DITTERICH; GABARDO; MOYSÉS, 2009, p. 519).

Para Bianchi e Estremero (2003, p.1) ao falarem do ciclo de vida, se referem aos estágios pelos quais as pessoas geralmente passam ao longo da vida, do nascimento à morte, onde *“a passagem de uma fase a outra implica uma mudança, e qualquer mudança em si mesma pode ser considerada uma crise; não apenas nas pessoas que estão passando por isso, mas também no grupo familiar”*.

McGoldrick, Carter e Garcia-Petro (2011 *apud* GLADDING, 2015, p. 63) esboçam um ciclo de seis estágios da classe média que começa com o adulto independente e continua até a aposentadoria:

- jovens adultos solteiros que saem de casa;
- o novo casal;
- famílias com crianças pequenas;
- famílias com adolescentes;
- famílias lançando os filhos e seguindo em frente; e
- famílias na vida adulta.

Cada um dos estágios deste ciclo de vida envolve ajustes, tarefas e mudanças importantes que devem ser realizados se o indivíduo, a família como um todo e membros específicos da família quiserem sobreviver e prosperar (MCGOLDRICK; CARTER; GARCIA-PETRO, 2011, *apud* GLADDING, 2015, p. 66).

Conforme Cerveny e Berthoud (2007, p. 25), o ciclo vital da família, caracterizado como Ciclo Vital de Cerveny, é dividido em quatro fases, sendo a primeira chamada fase de Aquisição que representa o nascimento da família pela união formal ou informal e se caracteriza pelas aquisições que o casal faz de modo

geral (patrimonial, novas formas de relacionamento, reorganização do sistema, aquisição de novos papéis decorrente do nascimento dos filhos).

De modo geral, o estágio do novo casal do ciclo de vida familiar é de ajuste e adaptação. Por exemplo, os novos casais devem aprender a compartilhar o espaço, bem como as atividades de trabalho, lazer e sono. Eles devem acomodar os desejos, pedidos e fantasias um do outro. Esse processo exige tempo, energia, boa vontade e capacidade de fazer concessões.

Os principais desafios segundo Souza (2013) esperados nesta fase são:

- negociação de diferenças do casal;
- o planejamento para a vida futura;
- a mudança de vínculos;
- a perda da individualidade, e após a relação conjugal;
- a construção da relação triangular por ocasião do nascimento do primeiro filho;
- o estabelecimento das fronteiras entre o casal e a família de origem e a organização de papéis, tarefas e regras.

De acordo com Souza (2013, p. 34), os desafios inesperados que podem se colocar nesta fase são: o desemprego, a gravidez precoce ou indesejada, o nascimento de filhos com deficiências e casos de infertilidade por exemplo. As questões de gênero também exercem influência no sentido de acentuar as dificuldades, devido às crenças que permeiam os papéis masculino e feminino.

O novo casal está livre para experimentar a vida e se envolver livremente em uma ampla variedade de atividades. Restrições financeiras e de tempo são as duas principais limitações para os casais neste momento.

A próxima fase do ciclo vital é a Adolescente, compreendida como um período de profundas transformações pessoais e relacionais de pais, mães e filhos. Os filhos estão em fase de transição para a vida adulta e os pais normalmente estão vivenciando a “crise do meio da vida” (CERVENY; BERTHOUD 2007 p. 26). Nesta fase é onde ocorre uma reformulação das relações entre pais e filhos, com a perda do vínculo anterior, onde surge então, a necessidade de as funções parentais serem revistas, bem como o realinhamento das fronteiras entre os membros da família e entre a família e o meio social (SOUZA, 2013, p 35).

Existem também os desafios inesperados que pesam na capacidade de enfrentamento da família, tais como: a morte de um membro, a experiência com a drogadição, situações de violência no bairro e a homossexualidade. As doenças graves e dificuldades escolares e separação dos pais também são processos difíceis para todos, por envolverem culpa e sensação de fracasso. Quando alguns, ou todos esses eventos ocorrem concomitantemente, temos o que chamamos de acúmulo de estressores (SOUZA, 2013 p. 36).

A terceira fase, a fase Madura, tem início quando os filhos atingem a idade adulta e a família passa a vivenciar o período de maturidade, com a tarefa de mudar os relacionamentos entre pais e filhos, que agora são iguais em independência e capacidade de gerenciar suas próprias vidas (CERVENY; BERTHOUD, 2007, p. 26).

Souza (2013) descreve esta fase como quando ocorre a despedida dos filhos, e é composta por remodelações nas relações conjugais decorrentes do esvaziamento do lar, quando os filhos se tornam adultos, vão estudar e trabalhar fora, ou se casam. Some-se a isso tudo a preparação para a aposentadoria e a entrada da mulher na menopausa. É a fase Madura que oferecerá a possibilidade de refletir sobre as fases anteriores e seus desafios, visto que cada uma delas os apresenta, possibilitando ao casal a vivência da conjugalidade de forma muito particular.

De acordo com Souza (2013, p. 37), as situações esperadas são administradas com receitas e valores transmitidos de geração a geração. Entretanto, temos que olhar o que vem junto nesse pacote. Perdas financeiras decorrentes de desemprego ou de aposentadoria, separações e morte do cônjuge, são alguns desafios que podem concorrer com os desafios já previstos nesta fase do ciclo vital. Com relação à morte do cônjuge por exemplo, pode haver um agravamento da saúde física do(a) parceiro(a), visto que, conforme demonstram as pesquisas, um dos fatores protetores que favorecem a saúde do casal, é a presença do(a) parceiro(a) que cuida e preocupa-se com o outro. Doenças agudas ou crônicas, também são comuns como heranças de estilos de vida anteriores, exigindo cuidados e mudanças de hábitos.

A fase Última, caracteriza-se pelo envelhecimento dos pais e por transformações na estrutura familiar e os filhos confrontam-se com a tarefa de como conviver com pais idosos. É normalmente nesta fase que um dos cônjuges fica viúvo e, além de questões práticas como com quem morar e como se manter

financeiramente, o idoso tem ainda que resolver questões pessoais de adaptação às novas condições emocionais de perda de funções e papéis (CERVENY; BERTHOUD, 2007, p. 27).

Existem desafios inesperados tais como cuidar ou ser cuidado. Tem sido comum, os avós cuidarem e manterem financeiramente os netos, situação essa que não deixa de ser um fator protetor, quando transitória, mas torna-se um fator de risco à convivência quando se torna permanente. Conflitos ocorrem resultantes de divergências na educação infantil, bem como a confusão na hierarquia familiar tendo em vista a autoridade requisitada pelos avós justificada pelo poder financeiro e de cuidados (SOUZA, 2013, p.37). Além destes a autora aponta ainda outros desafios a serem enfrentados nesta fase, com por exemplo dependência parcial da família de origem quando o local de moradia exige definição de fronteiras, os filhos que assumem os cuidados com os pais idosos, a morte de descendentes e adaptação aos recursos tecnológicos.

Cada uma das fases apresentadas requer do casal novas adaptações e reorganizações emocionais e novas práticas frente aos desafios que surgem. É neste sentido que esta pesquisa irá direcionar seu olhar atento a fim de trazer novas possibilidades de se compreender a família e a conjugalidade na vida atual.

Dentre as quatro fases do Ciclo Vital de Cerweny, nota-se a importância de uma melhor compreensão da fase madura, dos desafios enfrentados pelo casal, por ser o alicerce teórico do estudo definido, lembrando que, conforme Cerweny e Berthoud (2007), na fase madura, a relação do casal passa por transformações ao longo do tempo, além de mudanças de papéis e de relacionamentos, tem-se também os desafios que advêm com a independência dos filhos, a chegada de novos membros (noras, genros e netos), necessidade de cuidar de idosos e a aposentadoria, exigindo assim, ressignificações e adaptações constantes.

2.4. COMPREENDENDO O “SER CASAL” NA FASE MADURA DO CICLO VITAL

Segundo Carbone e Coelho (2009), quando pensamos numa família neste estágio do ciclo vital, referimo-nos a adultos jovens e casais de adultos, cuja idade estende-se dos quarenta e poucos anos a meados dos sessenta. As autoras destacam que no sentido de desenvolvimento, pode-se salientar que os filhos adultos jovens foram preparados para saírem de casa com senso de independência

e capacidade de constituir família. Paralelamente a eles, estão os pais que atingiram outro momento de vida adulta e supostamente deveriam ter se preparado para a saída desses filhos adultos.

Conforme Oliveira e Cerveny (2007), a fase madura é a fase mais longa e talvez a mais difícil delas, pois envolve uma série de transformações em sua estrutura e dinâmica, e conseqüentemente ajustes por parte de seus membros. É um momento em que a família se divide com a crescente autonomia dos filhos e a saída deles de casa; multiplica-se gerando novas famílias, com a entrada de novos membros-genros, noras e netos; e diminui com a perda de entes queridos.

Esta é a fase da casa cheia, ao contrário do ninho vazio americano. Isso poderá mudar daqui uma ou duas gerações, pois as famílias estão cada vez menores; além disso, a chamada “década perdida na economia brasileira” teve como reflexo grandes dificuldades econômicas para a classe média, mas isso já se faz distante, e os adultos jovens estão tendo maior facilidade para obter independência econômica e, por conseguinte, independência familiar (CERVENY; BERTHOUD, 2009, p. 26).

Em face de tais “divisões, multiplicações e subtrações”, a família adquire novos significados, novas formas de funcionamento, novos desafios e novas expectativas. Assim, quatro fenômenos psicológicos são observados nessa “visita” à família na fase madura: remodelando relações, adaptando-se às mudanças, acomodando a estrutura e funcionamento da família, enfrentando desafios e olhando para o futuro (OLIVEIRA; CERVENY, 2007, p. 86).

Segundo Carbone e Coelho (2009, p. 103), a família na maturidade deve ser entendida com algumas tarefas básicas resolvidas. Os pais terão concretizado as tarefas básicas relativas ao status de adulto (consolidação profissional, sistema de regras e valores coerentes com o grupo cultural, manutenção do sistema familiar) e cumprido o papel de provedores, orientando e acolhendo os filhos durante toda a fase de desenvolvimento no lar. É chegado então o momento em que pais e filhos podem se reconhecer como pares: os filhos jovens alcançam o status de adulto e os pais de adulto maduro.

Ainda, conforme Carbone e Coelho (2009), esta nova etapa é marcada pela capacidade da família de origem se separar dos filhos e de incorporar novos indivíduos, como o cônjuge e parentes por afinidade. Os filhos entrarão em uma nova etapa onde devem constituir família própria. Do ponto de vista dos pais, eles se

deparam com a saída definitiva de seus filhos de casa. Até agora, o círculo social e afetivo em que o filho se movia havia sido ampliado, mas ainda era a família de origem única e de pertença. A partir deste momento, os pais devem reconhecer a nova família tão diferente e com características próprias, aceitando a incorporação dos outros na vida familiar. Esta fase pode ser vivenciada como a evolução natural do ciclo familiar, com aceitação da passagem do tempo e projetando um futuro com a chegada dos netos. É também um momento de reencontro dos pais, onde é possível fazer coisas que foram adiadas durante a paternidade (passeios, atividades sociais etc.).

Outras famílias passam por essa fase com grande dificuldade. Casais que deixam "tudo" para criar os filhos e casais que são acusados de deixar os filhos sozinhos, quando na realidade o que houve foi a dificuldade para se encontrarem novamente, ficarem sozinhos ou mesmo aceitarem a passagem do tempo. O fato de que os filhos alcançam saída de casa, e a forma como essa saída é realizada, pode ou não ser favorecida pelas famílias (BIANCHI; ESTREMER, 2003, p. 5).

Bianchi e Estremer (2003) destacam ainda que a individuação de um filho é um anseio familiar de reprodução social, no entanto denota uma forte ambivalência na forma como pais e mães relacionam-se com eles, tratando-os como adultos responsáveis e independentes, mas exercendo uma vigilância contínua no que diz respeito ao modo como sua autonomia se realiza.

É preciso ficar atento também ao fato de que só a graduação na universidade não garante ao jovem o emprego imediato e muitos necessitam maior especialização para poder concorrer no mercado de trabalho. Isso significa atualmente um ônus maior para os pais na fase madura, os quais subsidiam por mais tempo a educação dos filhos (CERVENY; BERTHOUD, 2009, p. 35).

Como visto, a passagem dos filhos para a idade adulta e a conseqüente saída deles de casa, seja esta concreta (para morar sozinho, estudar fora, casar-se, entre outros) ou simplesmente simbólica (determinada pela postura mais independente que os filhos assumem em relação aos pais), são eventos referenciais e que demarcam, de forma geral, a passagem da família para a fase madura do ciclo vital, denunciando a necessidade por parte dos pais e dos filhos de remodelar suas relações. Tais eventos deflagrarão também a necessidade de uma grande transformação dentro da família: a dar novos significados à relação conjugal (OLIVEIRA; CERVENY, 2007, p.102).

Segundo Bianchi e Estremero (2003, p. 6), na fase madura o casal enfrentará novos desafios:

- por um lado, o reencontro entre eles, dado pela saída dos filhos da casa dos pais e por cessação do trabalho. Dependerá das características deste encontro que o casal continua junto ou não;
- por outro lado, eles terão que enfrentar mudanças não apenas individualmente, mas também no nível familiar. O fim da vida laboral (aposentadoria) que por alguns é tida como o início de uma nova fase, onde terão a oportunidade de fazer coisas que foram adiadas durante a juventude, relacionar-se com os netos e continuar gerando projetos, para outros é o fim de sua vida ativa e o passo em direção a uma fase “improdutiva”.

Esta ideia é corroborada por Oliveira e Cerveny (2007, p. 102) que descrevem que nessa fase inclui a ideia de passagem de uma etapa do ciclo vital para outra; o desenvolvimento da comunicação entre pais e filhos adultos; e a saída propriamente dita dos filhos adultos de casa. Também, há a preocupação com a chegada das terceiras gerações na família em maturidade, o que implica o nascimento dos netos e a inclusão de parentes por afinidade e nos cuidados com a geração mais velha.

De acordo com Carbone e Coelho (2009 p. 105), esta fase do ciclo vital caracteriza-se por uma situação de transição, e isso implica que a família nuclear perca membros para que novas famílias possam nascer. Assim como em toda fase de transição estão presentes as ambiguidades, e assim também como todas as escolhas implicam ganhos e perdas.

Ainda no aspecto da ruptura, a saída dos filhos pode propiciar ao casal um acréscimo de sua visão de mundo por meio de relatos dos próprios filhos e da possibilidade de compartilhar. A capacidade de orientação dos pais continua viva, embora numa situação menos protetora, de maior distância. A distância do filho deflagra sua autonomia e seu status de adultos. O filho “inventará” seu espaço geográfico no mundo, longe da casa dos pais (CARBONE; COELHO, 2009, p. 109).

Na fase madura, os adultos, pais e filhos, desenvolvem suas interações, organizam e desorganizam, integram e desintegram, constroem e desconstroem padrões, normas, regras, valores e crenças familiares. Preenchem as lacunas de

seu desenvolvimento com fatos que se perpetuam intergeracionalmente, transmitidos pelas lealdades de vínculos, afetos e sangue (CARBONE; COELHO, 2009, p.116).

Carbone e Coelho (2009) acrescentam que pais suficientemente maduros usarão a distância física como possibilidade de engajar o filho no mundo, com características próprias e pessoais. Pais que, como já foi dito, criaram sua relação de casal excessivamente em função dos filhos tenderão a não conseguir imprimir um sentido de lar para o “ninho abandonado”. Outros, diante da autonomia dos filhos, treinarão os limites dessa “autonomia afetiva”, na compreensão de serem amados, mesmo quando não diretamente necessários.

Segundo Carbone e Coelho (2009, p. 111) o casal na fase madura, que está casando seus filhos, e já viveu esta passagem para a vida adulta em outro momento, agora deve distribuir sua atenção e atender às necessidades controvertidas, como: saída de casa e o casamento dos filhos, ao mesmo tempo em que convive com a 3ª geração, os avós, e os netos que vêm chegando e denunciando que a família deve estar pronta para incluir parentes por afinidade e laços de sangue.

As autoras afirmam que muitas vezes existem aspectos inacabados e tampouco resolvidos com essa geração mais velha, que se agravam nessa fase. Isso se relaciona à distância de como foi a separação emocional dos pais quando esses eram adultos, agora na meia-idade, estavam na idade de seus filhos, hoje jovens adultos (repetição de padrão de “ninho vazio”), implicando uma vivência dupla de resoluções de ambiguidades nessa fase da vida, que acaba gerando maior complexidade nas relações dessa etapa do ciclo vital (CARBONE; COELHO, 2009, p. 111).

Ao visitar a família na fase madura do ciclo vital, Oliveira e Cerveny (2007 p. 93) observaram uma grande transformação que ocorre na dinâmica da relação parental e conjugal neste momento do ciclo vital. É formado por dois processos psicológicos fundamentais:

- remodelando a relação pais e filhos;
- construção de uma parceria e ressignificando a relação conjugal.

Oliveira e Cerveny (2007 p. 93) também destacam a dinâmica filhos “despedindo-se” e os pais “deixando partir” e ressignificando a função parental.

O casal na fase madura necessita também rever a parentalidade que constitui um movimento facilitador da acomodação, pois possibilita aos pais realizarem uma autoavaliação do que foram enquanto pais e reconstruírem suas imagens parentais. É um momento de fazer um balanço do que foi vivido, rever valores, perceber o quanto está colhendo neste momento os frutos de seu empreendimento; e o quão gratificados sentem-se (OLIVEIRA; CERVENY, 2007, p. 97).

Ainda, Carbone e Coelho (2009, p. 114) relatam que, em uma pesquisa realizada com famílias paulistas, mais de 57% dos casais alegaram que a principal característica do casamento na fase madura é o companheirismo. As autoras consideram então que a liberação de uma série de tarefas, como o cuidado com os filhos, por exemplo, agora já adultos, faz com que o casal volte suas energias para a própria relação conjugal. O ideal do amor romântico das famílias em fase de aquisição foi substituído pelo compartilhar, talvez aprendido na gradativa extensão da família e contínua transformação das relações na intimidade.

Muitos casais maduros têm considerado positivo para o casamento a saída dos filhos, trazendo assim uma sensação de bem-estar para cada um. De fato, a presença dos filhos em casa não está correlacionada com a felicidade do casal em nenhuma faixa etária (KIMMEL, 2013, ARNETT; FISHEL, 2013 *apud* MCGOLDRICK; PRETO; CARTER, 2016, p. 330).

De acordo com Cerveny e Berthoud (2007, p. 104), o casal pode dar um novo foco na relação amorosa uma vez que se sentem liberados das obrigações que tanto então em especial ou cuidado dos filhos. Esse momento pode ser sentido como um súbito despertar da relação com o movimento de redescobrir o prazer de estar junto sendo percebido muitas vezes como uma volta ao início do casamento.

A ausência do estresse e a simplificação das rotinas domésticas são certamente fatores chaves no relacionamento do casal nesta fase. Os parceiros já não estão mais tão focados em seus filhos e podem dedicar mais energia no casamento, com a consciência maior de que o tempo está passando e frequentemente esperam mais de seus relacionamentos. Na meia idade, a própria natureza do casamento tende a mudar. Os relacionamentos estão cada vez mais caracterizados por amizade, companheirismo, igualdade, tolerância e interesses compartilhados (CORDOVA, 2009 *apud* MCGOLDRICK; PRETO; CARTER, 2016, p. 330).

Esta ideia é corroborada pelas autoras que ressaltam que o casal pode ter transformado o ideal romântico que caracterizava a fase inicial do ciclo vital em uma relação consolidada no companheirismo, na cumplicidade, na capacidade de reconhecer e aceitar defeitos e qualidades respeitando sua liberdade, tendo flexibilidade, sabendo perdoar, cedendo e respeitando-se mutuamente (CERVENY; BERTHOUD, 2007, p.105).

Conforme escreveram Cerveny e Berthoud (2007, p. 103), na fase madura, a relação conjugal adquire proeminência na dinâmica da família, com a possibilidade de novamente se ver como um casal lançam um novo foco à relação conjugal.

De acordo com as autoras este é um momento propício para reflexão e avaliação do que foi uma história conjugal e qual importância que esta possui em suas vidas. Os cônjuges veem-se fortalecidos por uma bagagem pessoal que lhes proporciona maturidade e a possibilidade de rever valores e atribuir novos significados um momento assim como a experiência necessária para rever os acertos e erros cometidos na vida a dois e pesar o quanto foi e ou continua sendo válido o casamento (CERVENY; BERTHOUD, 2007, p.103).

Por outro lado, a saída dos filhos de casa, no entanto, nem sempre leva a uma maior felicidade conjugal. Muitas vezes os problemas e conflitos conjugais são enterrados durante o tumulto dos anos de criação dos filhos e ressurgem depois que eles vão embora. Os pais tristemente percebem que ao longo dos anos se separaram e seus interesses mudaram. Eles se veem passando um pelo outro como navios na noite, em diferentes direções e em diferentes ritmos (MCGOLDRICK; PRETO; CARTER, 2016, p. 331).

O fenômeno do ninho vazio tão característico na realidade Americana parece não ser algo tão comum em nossa realidade. Poderíamos dizer que os ninhos de nossas famílias na fase madura dificilmente se esvaziam totalmente ou simplesmente não são sentidos como ninhos vazios pelos pais a categoria cuidando de um ninho que não se esvazia explica esse fenômeno psicológico seja cultivando uma relação infindável na qual os pais sentem e expressam uma constante preocupação com o bem-estar dos filhos e buscam dar apoio constante aos mesmos seja esse apoio emocional ou seja começando de novo quando os pais agora no papel de avós acabam por assumir os cuidados efetivos de seus netos o ninho da família madura de classe média em nossa realidade parece estar sempre cheio pela presença física ou emocional dos filhos e netos (CERVENY; BERTHOUD, 2007, p.117).

Conforme Cerveny e Berthoud (2007), é importante destacar que a família brasileira costuma se expandir ao longo do tempo com a permanência dos filhos em

casa e a chegada dos netos, o que impõe diferentes adaptações em relação às funções e papéis do casal.

Conforme Figueiredo (2008, p. 40), o prolongamento da parentalidade, nas duas últimas décadas, tem sido caracterizado pelos filhos “cangurus” e “bumerangues”. Os filhos que saem de casa e retornam são caracterizados como filhos “bumerangues” enquanto os filhos “cangurus” são aqueles que nunca saíram de casa.

3. MÉTODO

A elaboração de uma pesquisa pode ser por razões de ordem intelectual ou por razões de ordem prática. *“As primeiras decorrem do desejo de conhecer pela própria satisfação de conhecer. As últimas decorrem do desejo de conhecer com vistas a fazer algo de maneira mais eficiente ou eficaz”* (GIL, 2002, p. 17).

3.1. TIPO DE PESQUISA

Conforme Gil (2002), uma pesquisa pode ser definida como o procedimento racional e sistemático que tem por objetivo proporcionar respostas aos problemas que são propostos, que no caso deste estudo o Problema de Pesquisa foi assim definido: Como os casais na fase madura vivenciaram a conjugalidade nas diferentes fases do ciclo vital?”.

Esta pesquisa consiste em estudo de casos múltiplos, qualitativo, de nível exploratório e corte transversal:

Conforme Yin (2001), o estudo de caso vem a responder o como e o porquê da questão de pesquisa, onde não se exige controle sobre os eventos comportamentais sendo focalizado em acontecimentos contemporâneos.

Conforme Gil (2002, p. 137), normalmente, as etapas de um estudo de caso podem ser seguidas na maioria das pesquisas na seguinte ordem:

- formulação do problema;
- definição da unidade-caso;
- determinação do número de casos;
- elaboração do protocolo;
- coleta de dados;
- avaliação e análise dos dados; e
- preparação do relatório.

A formulação do Problema foi elaborada com base no levantamento bibliográfico preliminar, sendo assim definido, e já apresentado na Introdução desta Monografia: “Como os casais na fase madura vivenciaram a conjugalidade nas fases iniciais do ciclo vital (fase de aquisição, adolescente) e como estão vivenciando a conjugalidade na fase madura?”

A definição da unidade-caso e a determinação do número de casos foram definidas em comum acordo com a Professora Orientadora, tendo por base os tópicos apresentados na disciplina de metodologia científica, permitindo unificar os anseios de ordem intelectual de ordem prática neste estudo. A definição está apresentada no item 3.2 desta Monografia.

A elaboração do protocolo de pesquisa seguiu as orientações estabelecidas na Plataforma Brasil, acesso por meio do link: <https://plataformabrasil.saude.gov.br>, sendo o Parecer Consubstanciado do CEP – Professor Robison Baroni, emitido em 05 de julho de 2021, como aprovado, sob o número: 4.828.187 (Anexo 1).

A coleta de dados seguiu os instrumentos definidos nos itens 3.3 e 3.4 desta monografia e a avaliação e análise dos dados estão representadas no item 3.5 desta Monografia.

A preparação do relatório é a Monografia elaborada seguindo as orientações estabelecidas pela UNITAU, com clareza, concisa e com o rigor científico que uma pós-graduação requer.

3.2. PARTICIPANTES

A amostra foi intencional e não-probabilística, sendo quatro casais na fase madura do ciclo vital com 25 ou mais anos de união, classe média, vivendo um casamento de primeira união ou recasamento, podendo ter filhos ou não, residentes no Estado de São Paulo. Conforme Yin (2001, p. 68), dois casos já são suficientes para replicações literais.

3.3. INSTRUMENTO

A natureza dos dados foi primária, a partir de entrevista semiestruturada feitas com os casais. O roteiro de entrevista encontra-se no apêndice A.

A opção pela entrevista como técnica de coleta de dados é devido à possibilidade de o entrevistador esclarecer eventuais dúvidas que surjam e da possibilidade de perguntas adicionais se necessárias para ajudar a esclarecer as respostas dadas (COZBY, 2003, p.165).

3.4. PROCEDIMENTO

Os participantes foram selecionados por indicação de colegas. Em seguida cada participante assinará o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido que se encontra no Anexo 2.

A entrevista foi realizada com o casal, juntos, por plataforma virtual *Google Meet*, por motivo de pandemia, preservando assim a segurança dos participantes.

As entrevistas tiveram a duração média de uma hora, sendo gravadas.

3.5. ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO

Nesta fase foram apresentados os principais dados obtidos a partir das entrevistas realizadas. As entrevistas foram transcritas, possibilitando a construção de categorias e a execução do processo de análise de nível exploratório que, segundo Gil (2002), consiste na seguinte sequência de atividades: redução dos dados, a categorização desses dados, sua interpretação e a redação do relatório. As categorias de análise foram:

- construção da conjugalidade;
- os principais eventos marcantes na vida do casal;
- conflitos vivenciados pelo casal nas fases de aquisição, adolescente e madura do ciclo vital e as estratégias de resolução utilizadas; e
- expectativas do casal para a fase última.

Segundo Gil (2002, p. 90), o processo de análise e interpretação é fundamentalmente iterativo, pois os pesquisadores elaboraram gradativamente a explicação lógica da situação estudada, examinando as unidades de sentido, as inter-relações entre essas unidades e entre as categorias em que elas se encontram reunidas.

O mais importante na análise e interpretação de dados no estudo de caso é a preservação da totalidade da unidade social. Daí, então, a importância a ser conferida ao desenvolvimento de tipologias. Muitas vezes, esses "tipos ideais" são antecipados no planejamento da pesquisa. Outras vezes, porém, emergem ao longo do processo de coleta e análise de dados. Convém, portanto, que o pesquisador desenvolva logo no início da pesquisa um quadro de referência teórico com vista em evitar especulações no momento de análise (GIL, 2002, p. 141).

Este estudo apresenta como base teórica o Ciclo Vital de Cervený, dentro da abordagem sistêmica, que direcionará a interpretação e análise dos dados coletados na entrevista. Trata-se de uma análise qualitativa.

4. RESULTADOS E ANÁLISE

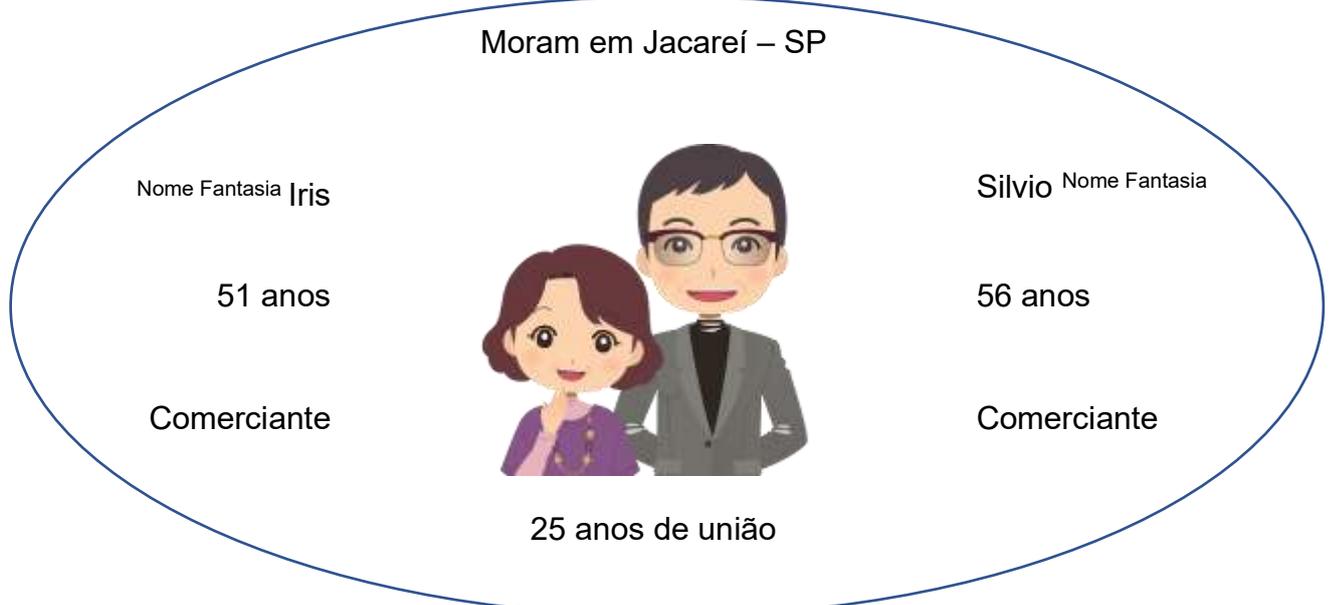
O resultado apresentado neste estudo é proveniente de entrevistas realizadas com quatro casais na fase madura do ciclo vital com 25 ou mais anos de união, classe média, vivendo um casamento de primeira união ou recasamento, podendo ter filhos ou não, residentes no Estado de São Paulo, assim caracterizados:

Figura 1 – Caracterização do casal 1



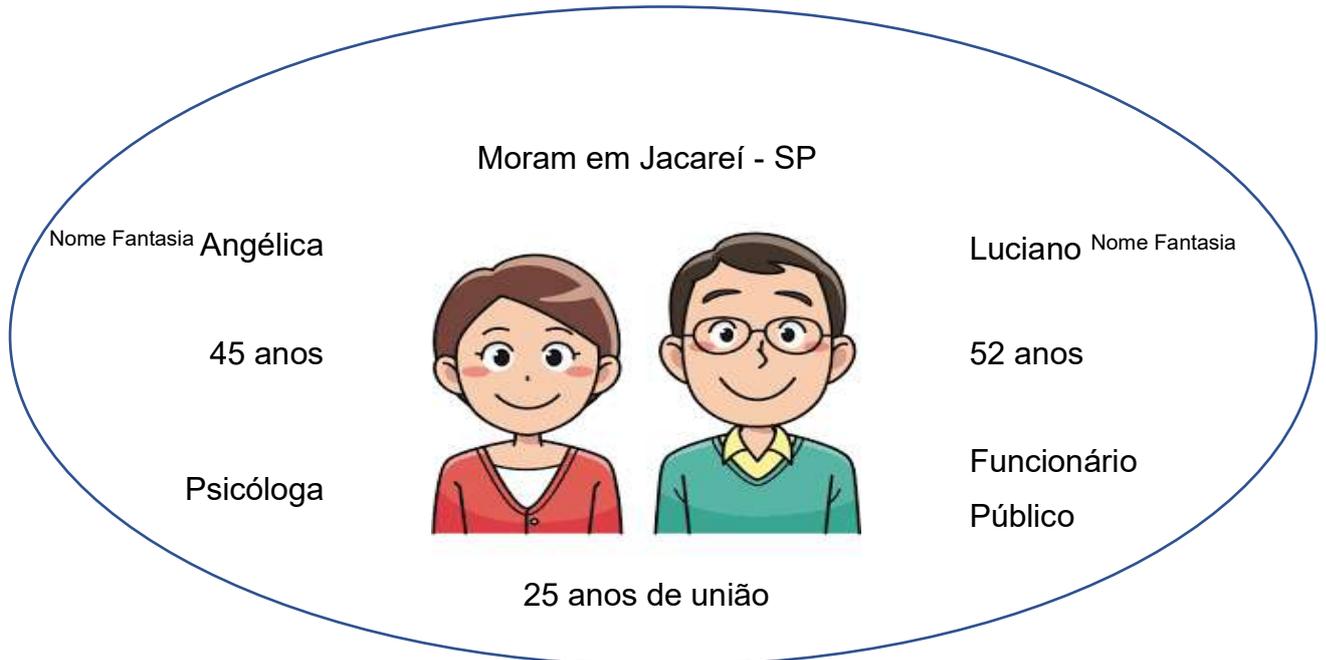
Fonte: Elaborada pela autora

Figura 2 – Caracterização do casal 2



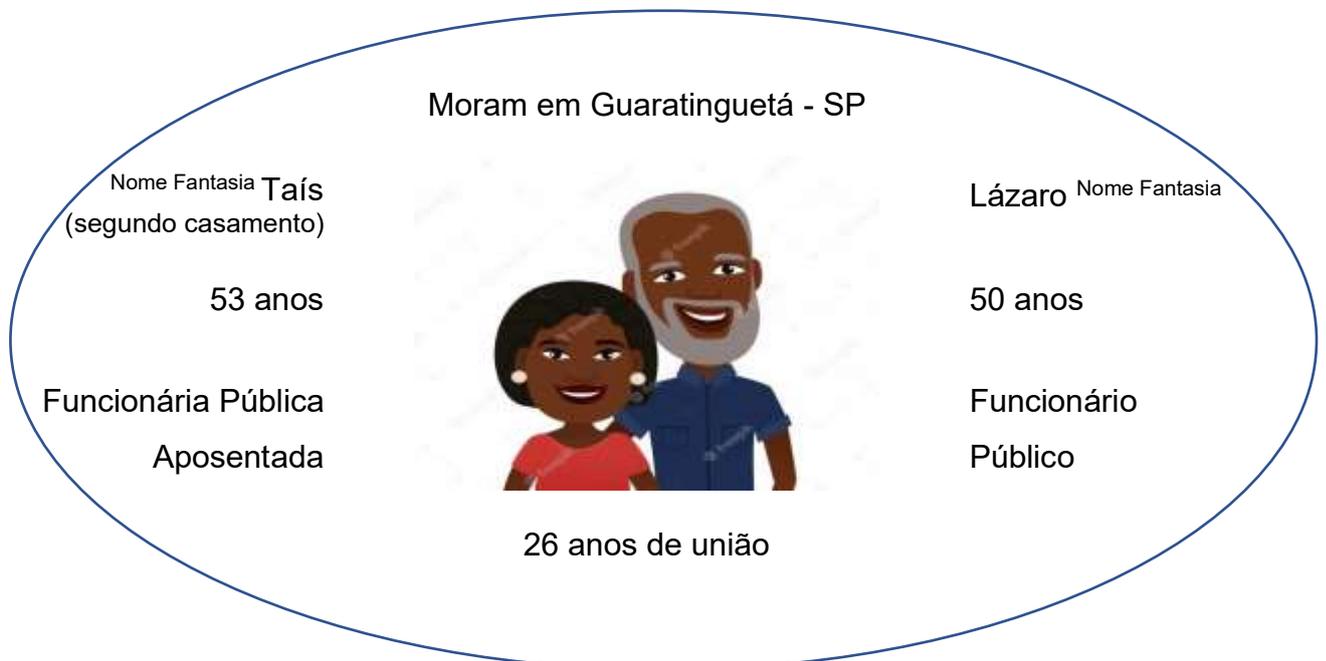
Fonte: Elaborada pela autora

Figura 3 – Caracterização do casal 3



Fonte: Elaborada pela autora

Figura 4 – Caracterização do casal 4



Fonte: Elaborada pela autora

Em relação aos filhos, as informações foram coletadas e transcritas no Quadro 1, a seguir.

Quadro 1 – Informações referentes aos filhos coletadas na entrevista

Casal		Quantidade de filhos	Quantos ainda residem com o casal?	Motivo da saída
	Glória e Tarcísio	03	00	Estudar e casar
	Iris e Silvio	01	01	-
	Angélica e Luciano	02	02	Estudar e trabalhar (retornou)
				Estudar (retornou)
	Taís e Lázaro	02 Sendo um do primeiro casamento da Taís	01	Estudar e trabalhar

Fonte: Elaborada pela autora

A seguir são apresentados os resultados e a análise dos principais dados obtidos a partir das entrevistas realizadas, assim categorizadas:

- construção da conjugalidade;
- os principais eventos marcantes na vida do casal;
- conflitos vivenciados pelo casal nas fases de aquisição, adolescente e madura do ciclo vital e as estratégias de resolução utilizadas; e
- expectativas do casal para a fase última.

4.1. CONSTRUÇÃO DA CONJUGALIDADE

A compreensão dos aspectos da construção da conjugalidade foi norteadada pelas seguintes perguntas da entrevista, representadas nos Quadros 2, 3 e 4:

- Como imaginavam que seria viver como casal?
- Como foi a experiência de se separar da família de origem?
- Que tipo de combinados, acordos e adaptações foram necessários quando começaram a vida juntos?

Quadro 2 – Imagem de se viver como casal

Casal		Como imaginavam que seria viver como casal?
	Glória e Tarcísio	As coisas que sonhamos foram as que aconteceram. Sonhavam com os filhos pedindo bênção, contar historinha antes de deitar-se, tudo o que sonhamos fizemos, foi muito bom. Só que o tempo passa muito rápido. Fazemos muitas coisas, o tempo passa rapidinho. Tarcísio disse que eu não tinha muita imaginação de como seria, imaginava casar-se, ter filhos, como era com meu pai. Achava que a vida iria correr normal como a vida dos seus pais, queria netos também, e tudo ocorreria normalmente.
	Iris e Silvio	Não tinha ideia de casamento, mas sim de morar juntos, tem diferenças de pensamento, hábitos, comidas. Pensava estou com o amor da minha vida e vamos vivendo e aprendendo. Não criaram uma expectativa, então fomos vivendo e aprendendo. Iris sempre viu cada um como pessoas diferentes e respeitando as diferenças, cada um tem seus amigos, e em comum, respeito ao individualismo um do outro, a gente respeita. Quando ele decidiu morar com Iris, chegou à conclusão de que aquela que sonhava não existia, mas tinha que conviver com aquela mulher que existia e investir no relacionamento, entender a pessoa, construir junto.
	Angélica e Luciano	Não tinha uma rota traçada. Sabia que seria uma vida com mais responsabilidades ao mesmo tempo com mais liberdade nas decisões que envolveria a família que estava se formando. Angélica esperava que tivessem uma casa, que se tornasse um lar com muito amor, alegrias e que os filhos vivessem uma vida muito feliz com eles
	Taís e Lázaro	Já se conheciam desde pequenos, eram vizinhos, se encontraram após o divórcio de Taís e depois de 4 meses ficaram noivos e depois de 1 ano e meio se casaram. Esperavam que fosse bom, de não brigar e conversar sobre tudo: o que gostou ou não, os mal-entendidos e não deixar acumular

Fonte: Elaborada pela autora

Quadro 3 – Experiência de se separar da família de origem

Casal		Como foi a experiência de se separar da família de origem?
	Glória e Tarcísio	O primeiro ano de casados moraram com os pais de Glória, no final do ano mudaram para o apto do casal. Sentem que não mudou muito porque ela trabalhava perto da casa dos pais. Limpavam a casa no sábado e depois iam ao cinema, mas continuavam avisando a mãe para ela não se preocupar. Não sentiram muito a mudança, mas foi muito gostoso ter a própria casa, comprar as coisas do gosto.
	Iris e Silvio	Para Iris não foi difícil pra, porque a minha família era desapegada, vieram do Rio para cá, quebrou o núcleo, não foi difícil e antes de morar com Silvio morava sozinha. Foi uma decisão respeitada. Silvio foi primeiro morar sozinho. Depois que eu saí de casa, eu não queria voltar mais.
	Angélica e Luciano	Foi tranquila por ambas as famílias, uma vez que passamos a morar próximos, na mesma cidade, principalmente pela independência em tomar as próprias decisões, juntos e traçar o futuro do casal.
	Taís e Lázaro	Ele já tinha se separado da família de origem para estudar enquanto ela sentiu muita falta quando foram morar em outra casa apesar de ser bem perto.

Fonte: Elaborada pela autora

Quadro 4 – Combinados, acordos e adaptações no começo da vida juntos

Casal		Que tipo de combinados, acordos e adaptações foram necessários quando começaram a vida juntos?
	Glória e Tarcísio	Enquanto namoraram durante 8 anos conversaram sobre ter filhos. Ela queria 8 filhos porque veio de família grande. Tiveram 4 filhos, mas o primeiro foi natimorto. Sentiram que esta perda os uniu muito mais, porque o sofrimento une o casal. Ele filmou a gravidez e era para terminar com Glória saindo da maternidade com o bebê e este filme nunca foi terminado. E os problemas que tivemos depois ficamos menores. O casal diz que com a perda do primeiro filho ficaram mais unidos, que viraram um só. Diz que o que afeta um, afeta os dois.
	Iris e Silvio	Do meu lado não teve acordos, quando decidimos morar juntos era daquele momento para a frente, vamos viver o dia a dia, e está dando certo. O casal não fez nenhum acordo... Buscavam viver sendo justos e dividiam as contas, viviam o dia a dia e está dando certo. Depois de um tempo só Iris trabalhava, a única fonte de renda era a dela, e a família se incomodava, Silvio: Era o que deu para fazer, a gente dividia, tinha uma fonte de renda só. O diálogo sempre foi muito importante, o casal preza muito por isso.
	Angélica e Luciano	Respeito mútuo e muito amor, com poucos combinados e acordos. A adaptação foi de estar mais presente na rotina de uma casa, seguindo a vida e tomando decisões sempre juntos, de forma que fosse bom para os dois.

	<p>Taís e Lázaro</p>	<p>Combinaram em ter uma conversa mensal e preservar a cumplicidade e o diálogo, tudo ser conversado na hora certa. Gostavam das mesmas coisas, frequentavam os mesmos lugares e queriam as mesmas coisas.</p>
---	----------------------	--

Fonte: Elaborada pela autora

4.2. OS PRINCIPAIS EVENTOS MARCANTES NA VIDA DO CASAL

A compreensão dos principais eventos marcantes na vida do casal foi norteada pelas seguintes perguntas da entrevista, representadas nos Quadros 5, 6 e 7:

- O casal enfrentou problemas ou dificuldades nos primeiros anos de união? Quais?
- Como solucionaram estes problemas?
- Quais pessoas ou grupos foram mais próximos do casal no início da vida conjugal?

Quadro 5 – Problemas ou dificuldades nos primeiros anos de união

Casal		O casal enfrentou problemas ou dificuldades nos primeiros anos de união? Quais?
	<p>Glória e Tarcísio</p>	<p>Tarcísio viajava muito e Glória cuidava dos filhos e trabalhava. Ela queria contar para ele tudo o que aconteceu no dia e ele dormia no meio da conversa risos. Ele ficava muito cansado porque começou a viajar muito. Sentem que seus filhos se ressentiram dessa ausência. O maior problema que tivemos foi a morte da nossa primeira filha. Depois a compra de uma lanchonete que não deu certo. E quando a filha mais nova que se casou com um pedreiro. Não era o que o casal queria.</p>
	<p>Iris e Silvio</p>	<p>O casal cita o egoísmo de Iris, em virtude do individualismo porque morava sozinha e dividir era muito difícil para ela, construir o “nosso”, e isso teve que mudar. Silvio acha que o pior foi a adaptação de morar junto, esquece que tem o outro esperando e se esquece de avisar que vai chegar mais tarde. A dificuldade de dar satisfação para uma pessoa nova na vida e os ciúmes.</p>
	<p>Angélica e Luciano</p>	<p>Em relação ao casal não, embora houve o falecimento de uma das gêmeas dias depois do parto.</p>
	<p>Taís e Lázaro</p>	<p>Sim, no 1º casamento de Taís, o pai biológico de seu filho sumiu e a dificuldade para seu filho aceitar que a mãe tinha outra pessoa foi muito difícil. A dificuldade foi o entrosamento, o filho ficou arredo, se escondia, uma fase de muitos ciúmes, quase o casal se separou.</p>

Fonte: Elaborada pela autora

Quadro 6 – Solução dos problemas ou dificuldades nos primeiros anos de união

Casal		Como solucionaram estes problemas?
	Glória e Tarcísio	Conversavam, mesmo ele ficando fora de casa, ele sabia de tudo o que acontecia com os filhos. Ele se preocupava com os cuidados físicos e ela já pensava mais quando um filho chegava triste da escola. Então se somavam.
	Iris e Silvio	Resolvemos com muita conversa e diálogo.
	Angélica e Luciano	Com apoio mútuo e da família. Sempre com empatia, cuidado e diálogo. Principalmente muita fé em Deus e amor.
	Taís e Lázaro	A fé e o diálogo ajudaram a sustentar e a abertura para falar de tudo. Na hora das brigas esperar o momento certo de falar e não engolir as coisas.

Fonte: Elaborada pela autora

Quadro 7 – Grupos mais próximos do casal no início da vida conjugal

Casal		Quais pessoas ou grupos foram mais próximos do casal no início da vida conjugal?
	Glória e Tarcísio	Foi a família de origem. Ela tem muitos irmãos e sempre tiveram os pais para quando precisassem. Além de serem independentes, podiam contar com eles para emprestar dinheiro.
	Iris e Silvio	Não tinha, o fato de morar longe no começo, em outro país, fez que o casal tivesse nova diretriz porque as pessoas que tinham lá fora não eram tão presentes, família não tinha. Fez que eles construíssem o casal, resolver entre eles mesmos
	Angélica e Luciano	Nossos pais, avós da esposa e alguns poucos amigos da infância.
	Taís e Lázaro	Mãe de Lázaro, pai de Taís

Fonte: Elaborada pela autora

4.3. CONFLITOS VIVENCIADOS PELO CASAL

A compreensão dos Conflitos vivenciados pelo casal foi norteadada pelas seguintes perguntas da entrevista, representadas nos Quadros de número 8 a 13:

- A relação do casal foi alterada com o nascimento dos filhos? O que mudou?
- Quais dificuldades o casal vivenciou com o crescimento dos filhos?
- Como conseguiu lidar com as dificuldades?
- Com os filhos na idade adulta houve mudança na relação do casal?
- O casal percebeu mudanças na família quando os filhos cresceram? Quais?
- Como o casal lidou com estas mudanças?

Quadro 8 – A relação do casal com o nascimento dos filhos

Casal		A relação do casal foi alterada com o nascimento dos filhos? O que mudou?
	Glória e Tarcísio	Sim, o foco passou a ser os filhos. Depois deles pensavam: o que a gente fazia antes dos filhos? Quando eles vêm para casa Glória já prepara tudo com antecedência.
	Iris e Silvio	Um pouco sim, o casal teve que gastar muito tempo com o cuidado com o bebê, mas não mudou, porque a gente dividia a hora do bebê e a hora do casal, porque o bebê ficava no quarto dele desde o começo, tem que ser assim, Iris diz que o casal separou bem as coisas. O tempo que era nós dois foi dividido em três
	Angélica e Luciano	Quase não houve alteração, uma vez que os filhos passaram a estar presentes logo no terceiro ano de casamento. Aumentou a responsabilidade de manter um lar para a educação e criação dos filhos. A alteração foi que tinham que dividir o tempo com as crianças e fazer tudo sempre juntos com 2 bebês. Mas foi muito divertido também
	Taís e Lázaro	Mudou, houve dificuldades com a relação sexual, financeiramente também porque estavam demolindo nossa casa para fazer outra. Além disso o cansaço, porque Lázaro fazia faculdade na época. Dividir os cuidados com a bebê, à noite ele ficava com a bebê e de dia ela ficava. A gente sempre dividiu tudo, reunião de pais, refeições juntos sempre, momentos de falar e conversa. Saber do dia de cada um como foi

Fonte: Elaborada pela autora

Quadro 9 – Dificuldades com o crescimento dos filhos

Casal		Quais dificuldades o casal vivenciou com o crescimento dos filhos?
	Glória e Tarcísio	Tarcísio sempre encarei tudo sem nada planejado, aconteceram coisas desagradáveis, como quando a Glória caiu e bateu a cabeça, saiu sangue e Tarcísio ficava apavorado. Mas sempre aprenderam com a experiência, da segunda vez a gente já sabe um pouco mais. Já Glória tem tudo planejado com cronograma.
	Iris e Silvio	Sílvio diz que idealizava que o filho chegasse na idade de hoje. Sílvio é filho de operário, estudou no Senai e começou a trabalhar com 16 anos na indústria. Estudou na ETEP. O filho fez exatamente o que o casal pensou o que ele faria. O desafio é que ele chegue aonde ele merece estar. O casal diz não ter tido grandes desafios, dificuldades. Achei que quando ele sair vamos sentir essa dificuldade.
	Angélica e Luciano	Dificuldade de um dos filhos de se adaptar à necessidade de estudar e do outro em estar sempre na busca de colegas para melhorar o seu convívio social. A introdução das redes sociais afastou um pouco a interação entre pais e filhos. Escolhas profissionais e dificuldades que eles estão passando em relação a isso. Aceitar que são diferentes dos pais, que estão construindo suas histórias de vida.
	Taís e Lázaro	Taís: Quando o filho mais velho foi para Mogi aos 17 anos estudar, tivemos problemas. Ele sentia muita falta do pai, chamava a atenção. Foi para psicóloga, psiquiatra. No último ano não tinha condições de voltar. A homossexualidade foi um conflito para ele. Um dia ele fugiu, não nos avisou e foi encontrar o namorado. Nunca foram violentos com ele, nunca o tratamos como coitadinho. Lázaro: Taís foi julgada pela família de origem como brava, mas ela era firme. Quando acontecia algum problema, a gente saía para atender o filho sem saber o que iam encontrar. Lidar com a filha mais nova que via tudo, sempre foi parceira, mas muito fechada.

Fonte: Elaborada pela autora

Quadro 10 – Trato das dificuldades com o crescimento dos filhos

Casal		Como conseguiu lidar com as dificuldades?
	Glória e Tarcísio	Juntos, conversando e aprendendo juntos
	Iris e Silvio	Não tiveram problemas, foi muito tranquilo.
	Angélica e Luciano	Luciano: O papel de lidar ficou mais direcionada para a mãe que possui mais habilidade para lidar com situações adversas, enquanto eu acompanho de longe, aceitando as trajetórias definidas entre mãe e filhos. Angélica: Tudo foi conversando sempre, não tem outro jeito.

	Taís e Lázaro	Taís: Foi muito importante meu marido e a filha mais nova viverem tudo isso comigo e antes de tomar uma atitude a gente conversava. Com a filha foi mais fácil porque a gente já tinha experiência.
---	---------------	---

Fonte: Elaborada pela autora

Quadro 11 – Filhos na idade adulta e a relação do casal

Casal		Com os filhos na idade adulta houve mudança na relação do casal?
	Glória e Tarcísio	Agora tem mais tempo para o casal. Ela brinca que agora tem motorista particular e tem os netos também. Ele está podendo ser o avô que como pai ele não foi porque trabalhava muito
	Iris e Silvio	“Acho que agora estamos mais nós dois”, hoje ele já é adulto, independente e os programas não incluem ele e ele não inclui os pais. O casal não pode acabar. O casal tem estudado, lido e conversado mais. Tem se interessado mais sobre política. O casal tem que estar sempre crescendo, não estagnar. Silvio diz que sempre admirou em Iris. a vontade de aprender, ela estudou mais do que ele, porque não gostava de ir para a escola, mas hoje olhando para traz sente mais vontade de aprender, de ler e nisso ela o inspira muito. Iris diz que Silvio também é uma inspiração para ela, ele a incentivava muito, dizia vai. Mas sempre foi inspiração e incentivo, que sempre veio dele.
	Angélica e Luciano	Não houve mudança na relação do casal em virtude da idade adulta dos filhos. Acham que passaram a ficar mais tempo sozinhos
	Taís e Lázaro	Agora é só o casal. Viajam com os amigos, param para tomar um vinho, os programas são a 2. Namorar de novo e viajar sozinhos. A filha hoje pergunta: “E eu não vou junto?” Risos

Fonte: Elaborada pela autora

Quadro 12 – Mudanças na família quando os filhos cresceram

Casal		O casal percebeu mudanças na família quando os filhos cresceram? Quais?
	Glória e Tarcísio	Sim, com a saída dos filhos de casa, agora tem os netos.
	Iris e Silvio	Não.
	Angélica e Luciano	A família tem necessitado introduzir cada vez mais rotinas de negociação para manter a harmonia da casa. Precisam estar presentes nas tomadas de decisões deles e dividir o tempo com os amigos e compromissos dos filhos.

	Taís e Lázaro	Os filhos têm a vida deles e o casal faz coisas a dois.
---	----------------------	---

Fonte: Elaborada pela autora

Quadro 13 – Trato das mudanças com o crescimento dos filhos

Casal		Como o casal lidou com estas mudanças?
	Glória e Tarcísio	Lidaram muito bem, não tiveram grandes coisas, mas sempre resolveram tudo junto, um completando o outro. Não tiveram dificuldades com as mudanças.
	Iris e Silvio	Sem dificuldades
	Angélica e Luciano	Por meio de bastante diálogo, respeito mútuo e empatia.
	Taís e Lázaro	Sem dificuldades.

Fonte: Elaborada pela autora

4.4. EXPECTATIVAS DO CASAL PARA A FASE ÚLTIMA.

A compreensão das expectativas do casal para a fase última foi norteadas pelas seguintes perguntas da entrevista, representadas nos Quadros de número 14 e 15:

- O casal fez planos para o futuro? Quais?
- Que expectativas o casal possui sobre viver juntos?

Quadro 14 – Planos para o futuro

Casal		O casal fez planos para o futuro? Quais?
	Glória e Tarcísio	Até pouco tempo a gente fazia muitas viagens, hoje não mais. Glória fazia o roteiro, toda parte de organização. Hoje ele não quer mais viajar, viajou muito na vida a trabalho. Mas eu viajo sem o marido, sinto que não é a mesma coisa. O lado bom é que tenho mais liberdade, apesar de sentir uma sensação de que eu estou viúva risos...
	Iris e Silvio	Assistimos um documentário chamado Minha história, de casais que contam suas histórias. O ponto em comum é o respeito entre eles. Pensamos em deixar tudo organizado para quando chegar lá. Até chegar lá a gente já aprendeu a brigar menos... Iris: Queremos ficar velhinhos, juntos, dar mais valor a estes momentos, viver bem, em paz, qualidade de vida. Para nós qualidade de vida é fundamental. Com a maturidade estamos nos tolerando muito mais. Nosso planejamento é chegar na velhice com mais saúde possível, mais feliz possível e com menos estresse.
	Angélica e Luciano	Buscou ter uma vida financeira estabilizada, um local para descanso e uma reserva financeira para as viagens, que se intensificarão com a minha aposentadoria do marido (Luciano), prevista para 2029. Angélica: não acho que precisamos esperar a aposentadoria para viajar porque a vida é muito breve e tudo passa rápido demais. Acredito que precisamos antecipar tudo o que desejamos viver de bom e não deixar isso esperar.
	Taís e Lázaro	Sempre! Sonhos, viagens sem os filhos, só os dois. Taís sempre quis costurar, aposentou e entrou na aula de costura. O casal diz ter sonhos juntos e individualmente. Ele gosta de coisas eletrônicas. Ambos dizem ter uma vida estável, compram uma casa grande pensando também nos filhos.

Fonte: Elaborada pela autora

Quadro 15 – Expectativas sobre viver juntos

Casal		Que expectativas o casal possui sobre viver juntos?
	Glória e Tarcísio	Conversam sobre a morte, são tão ligados que Glória não sabe o que seria dela com a morte dele. "Mas eu não sei o que seria de mim se perdesse o meu amor." Ela se preocupa com ele que só faz o que quer e o que gosta. Não cuida da saúde, ele não se cuida, não come direito, come doce, e isso a preocupa. Não tem muitos planos, já fizeram tudo o que queriam. O casal estuda, e tem interesses por muitas coisas. Estudam juntos, fazem curso sobre política, coordenam grupos, preparam aulas. Tarcísio trabalha com uma ONG ajudando crianças de uma comunidade carente, com crianças que vivem na área rural.
	Iris e Silvio	"Gagá, com bengala, ranzinza". risos. O casal brinca que na conjuntura atual não compensa separar. "Separar sai tão caro que vamos ficar juntos mesmo! A gente teve tanto percalço para chegar aqui, que não vale a pena separar." risos

	<p>Angélica e Luciano</p>	<p>Que os olhares sejam amorosos, mesmo na velhice. Que o casal continue lúcido, saudável e cheios de vida para ter uma velhice de qualidade juntos realizando os sonhos. Que o casal nunca deixe de sonhar!</p>
	<p>Taís e Lázaro</p>	<p>Taís fala que quando envelhecer ele vai deixá-la, porque ele é superativo, corre, faz academia. Construíram parceria, entender que cada uma precisa ter tempo de fazer suas coisas sozinhos. Ele não abre mão de nada para fazer as coisas dele e Taís sente que abre mão de tudo. Ela sempre coloca os outros em primeiro lugar e depois ela. Acha que talvez tenha que aprender isso com ele. Hoje não tem empregada, dividem tudo, acreditam que isso os ajudam a se preparar para a velhice, é um ajudar o outro, fazer sua parte.</p>

Fonte: Elaborada pela autora

4.5. ANÁLISE DOS DADOS

A construção da conjugalidade que se inicia nos primeiros anos de construção do casal, na fase de Aquisição impõe muitos desafios, como por exemplo: as expectativas que cada um traz para a vida a dois, a separação da família de origem e os combinados, acordos e adaptações necessários nesta fase e a chegada dos filhos. Existem expectativas e experiências vividas na família de origem que poderão ganhar espaço na vida a dois. Além disso a aquisição de novos papéis, como o de pais tornam esta fase um momento de muitas descobertas e parceria.

Dessa forma, foi percebido que a formação e consolidação da conjugalidade durante as fases iniciais do ciclo vital vai delinear como o casal poderá vivenciar as mudanças e os desafios da fase madura.

Será apresentada uma análise dos dados coletados especialmente tendo a fase madura como foco na vivência da conjugalidade.

Nesta pesquisa, observou-se que a fase de Aquisição representou a possibilidade de um crescimento individual importante, ao mesmo tempo em que o casal se constitui, ou seja, cada um precisa rever a si mesmo como pessoa, seus valores (trazidos da família de origem) experiências pessoais, expectativas em relação a ser casal e medos. Ao passo em que estas percepções individuais acontecem e podem ser compartilhadas por meio de um diálogo construtivo, o casal vai ganhando uma identidade compartilhada.

Os casais entrevistados foram convidados a revisitar sua história conjugal, resgatar memórias e os desafios vividos enquanto se percebiam nas narrativas de um e de outro ora como indivíduos, ora como par.

Observou-se nesta pesquisa que as expectativas sobre como ser casal poderia vir da família de origem, como o casal Tarcísio e Glória, ao mesmo tempo em idealizavam sobre como gostariam de viver a vida a dois e formar a sua nova família.

“Enquanto namoramos durante 8 anos conversamos sobre ter filhos. Ela queria 8 filhos porque veio de família grande.”

Tarcísio: “Eu não tinha muita imaginação de como seria, imaginava casar, ter filhos, como era com meu pai. Achava que a vida iria correr normal como a vida dos meus pais, queria netos também, e tudo ocorreria normalmente.”

Este casal dedicou um tempo para que a conjugalidade se estabelecesse e as adaptações fossem feitas enquanto criavam uma maneira diferente de se relacionar com a família de origem até sentirem-se preparados o suficiente para a chegada dos filhos:

Glória: “Limpávamos a casa no sábado e depois íamos ao cinema, mas continuávamos avisando a mãe para ela não se preocupar. Não sentimos muito a mudança, mas foi muito gostoso ter a própria casa, comprar as coisas do nosso gosto.”

Importante destacar que no caso deste casal um luto importante (a perda da primeira filha) precisou ser elaborado e este, segundo eles, foi um fator de união profunda entre ambos, fortalecendo a parceria do casal.

O casal Sílvio e Íris relataram o início da relação de uma forma diferente, pois para eles não havia a expectativa de um casamento, mas sim de morar juntos:

Sílvio: “Pensava estou com o amor da minha vida e vamos vivendo e aprendendo. Não criamos uma expectativa, então fomos vivendo e aprendendo”.

Iris: “Sempre vi cada um como pessoas diferentes e respeitando as diferenças, cada um tem seus amigos, e em comum, respeito ao individualismo um do outro, a gente respeita”.

Sílvio: “Quando decidi morar com Iris, cheguei à conclusão de que aquela mulher que eu sonhava não existia, mas tinha que conviver com aquela mulher que existia e investir no relacionamento, entender a pessoa, construir junto”.

Como vimos nos relatos acima, na fase de Aquisição, as famílias são convidadas a fazer ajustes importantes para sobreviver à esta primeira e tão importante fase do Ciclo Vital, apresentado por Cerveny como sendo um momento de ajuste e adaptação. Aprender a compartilhar o espaço, as atividades de trabalho, lazer e sono, acomodar os desejos, pedidos e fantasias um do outro. Esse processo exige tempo, energia, boa vontade e capacidade de fazer concessões.

Tais ajustes e adaptações puderam ser observados em todos os casais entrevistados, bem como a vontade de fazer dar certo, o que os levaram a aprender juntos, a ceder, negociar e dialogar.

Tarcísio: *“Eu viajava muito e Glória cuidava dos filhos e trabalhava”.*

Glória: *“Eu queria contar para ele tudo o que aconteceu no dia e ele dormia no meio da conversa (risos). Ele ficava muito cansado porque começou a viajar muito. Sinto que nossos filhos se ressentiram dessa ausência. O maior problema que tivemos nesta fase foi a morte da nossa primeira filha”.*

Sílvio fala também sobre os desafios de se tornar casal:

Sílvio: *“Acho que o egoísmo e individualismo dela que até então estava acostumada a morar sozinha. Dividir era muito difícil para ela construir o “nosso”, e isso teve que mudar. A dificuldade de dar satisfação para uma pessoa nova na vida e os ciúmes”.*

Luciano: *“Respeito mútuo e muito amor, com poucos combinados e acordos. A adaptação foi de estar mais presente na rotina de uma casa, seguindo a vida e tomando decisões sempre juntos, de forma que fosse bom para os dois.”*

A construção do “nosso”, ou seja, quando um e outro passam a ser um casal, pressupõe uma construção que requer investimento pessoal e disponibilidade emocional, como podemos ver nas histórias de cada entrevistado. Percebe-se que desafios requerem apoio e ação conjunta, mesmo quando na fase de aquisição o casal se depare com perdas significativas para ambos, como a perda de um filho, como foi o caso de dois casais entrevistados:

Glória: *“O maior problema que tivemos foi a morte da nossa primeira filha.”*

Lázaro e Taís experienciaram uma situação nova para ambos que foi o recasamento de Taís, que já tinha um filho. Desta forma, foi necessário haver maior adaptação e diálogo diante das dificuldades encontradas.

Lázaro: *“A dificuldade para o filho aceitar que a mãe tinha outra pessoa foi muito difícil. A dificuldade foi o entrosamento, o filho ficou arredio, se escondia, uma fase de muitos ciúmes, que quase levou o casal à separação”.*

À medida em que o casal vai se adaptando às mudanças que a vida juntos pressupõe, forma-se a conjugalidade, como escreveu FERES-CARNEIRO, 1994 que surge a partir de dois “eus”, de duas subjetividades, em direção a um terceiro “eu”. A autora refere-se à necessidade de formar uma identidade compartilhada, o casal, que é tão único quanto cada um dos “eus” que o originou.

Na fase adolescente, com o crescimento dos filhos, que deixam a infância para viver a adolescência, observou-se que o diálogo entre pais e filhos, às vezes entre um filho e um dos cônjuges foi a estratégia escolhida para se superar os desafios que esta fase impõe ao casal.

Quando as expectativas são satisfeitas, dos pais em relação aos filhos como no caso do casal Sílvio e Isis, onde o filho único segue o que lhe era esperado em relação aos estudos e profissão, contribuiu para que os pais vivenciassem com certa tranquilidade esta fase, conforme pontuado por Souza (2013) onde as situações esperadas são administradas com receitas e valores transmitidos de geração a geração.

Já para o casal Lázaro e Taís, ter de lidar com a homossexualidade do filho mais velho, caso de depressão e ao mesmo tempo intervenções da família de origem na forma de lidar com tais desafios fez com que o casal precisasse mobilizar recursos internos antes desconhecidos por eles e criar a partir da parceria a melhor forma de dialogar e resolver as situações, até o momento nova para os dois. Os desafios do recasamento trouxe dificuldades para este casal com o filho mais velho e a continuidade do “ser casal” precisou ser repensada. A disponibilidade de Lázaro em ajudar Taís e a vontade de ser família foi fator importante para dar continuidade a este projeto.

Lázaro: *“Nunca fomos violentos com ele (o filho) nunca o tratamos como coitadinho. Taís foi muito julgada pela família de origem como brava, mas era firme. Quando acontecia algum problema, saíam para atender o filho sem saber o que iam encontrar. Era preciso também lidar com a filha mais nova que via tudo, sempre foi parceira, mas muito fechada”.*

Taís ressalta que foi muito importante o marido e a filha mais nova viverem tudo isso com ela e antes de tomar uma atitude eles conversavam.

A vivência do casal Lázaro e Taís com o filho mais velho, os desafios do recasamento, vai ao encontro do que afirma Souza, 2013 ao falar sobre a capacidade de enfrentamento da família, tais como: a morte de um membro, a experiência com a drogadição, situações de violência no bairro e a homossexualidade. As doenças graves e dificuldades escolares e separação dos pais também são processos difíceis para todos, por envolverem culpa e sensação de fracasso. Quando alguns, ou todos esses eventos ocorrem concomitantemente, tem-se um acúmulo de estressores.

Ambos os casais, com experiências e desafios tão diferentes citaram o diálogo como melhor caminho. O que se observou também em relação à adaptação do casal a esta fase em que os filhos são não são mais crianças é que um deles pode demonstrar maior facilidade em resolver os conflitos que surgem enquanto o outro pode aprender com as diferenças, sem que isso seja um fator de separação entre o casal, mas sim de união e reconhecimento dos papéis de cada um.

Luciano: *“O papel de lidar ficou mais direcionada para a mãe que possui mais habilidade para lidar com situações adversas, enquanto eu acompanho de longe, aceitando as trajetórias definidas entre mãe e filhos.*

Angélica: *Tudo foi conversando sempre, não tem outro jeito”.*

Na fase Madura, conforme observamos na pesquisa, a relação entre o casal tende a se modificar bastante, uma vez que os filhos já não demandam tanta atenção como antes. O tempo anteriormente ocupado pelos cuidados com os filhos agora são organizados de forma a abarcar atividades novas que podem ser vividas juntos ou separadamente.

A relação com os filhos muda mesmo que não tenham saído de casa para morarem sozinhos ou constituído suas famílias. Quando os filhos residem na mesma casa, cada um cria um espaço próprio, com suas atividades e horários. Quando os filhos já são casados ou moram fora retornam com os netos para visitarem os pais - agora avós - e este novo papel pode ser vivenciado de forma bastante enriquecedora conforme coloca Cervený e Berthoud ao escrever que família passa a vivenciar o período de maturidade, com a tarefa de mudar os relacionamentos entre pais e filhos, que agora são iguais em independência e capacidade de gerenciar suas próprias vidas.

Foi observado que com os filhos na idade adulta, os casais entrevistados relataram ter mais tempo para fazer programas a dois, sair juntos ou viajar. É tempo

de dedicar-se a cuidar do casal. O casal Luciano e Angélica relataram que acompanham os filhos adultos de um jeito diferente, ainda conectados com os compromissos dos filhos.

“A nossa família tem necessitado introduzir cada vez mais rotinas de negociação para manter a harmonia da casa. Precisamos estar presentes nas tomadas de decisões deles e dividir o tempo com os amigos e compromissos dos filhos”.

Nesta fase, em que os filhos entram na fase adulta, os casais começam a dar um foco especial na relação, agora sem a obrigação de cuidar dos filhos. Este pode ser um momento de redescoberta do prazer de estar juntos e realização de novos projetos. Cada um dos casais entrevistados demonstrou a necessidade desta parceria nesta fase. Muitos desafios já foram vencidos pelo casal até chegar aqui e vivenciar a conjugalidade diante de cada um deles trouxe energia e esperança para tomar decisões importantes em relação aos filhos, à família, dinheiro e profissão. A conjugalidade na fase madura pode ser caracterizada sobretudo pelo companheirismo, como foi observado nas falas dos casais entrevistados.

Esta ideia é corroborada pelas autoras Cervený e Berthoud que ressaltam que o casal pode ter transformado o ideal romântico que caracterizava a fase inicial do ciclo vital em uma relação consolidada no companheirismo, na cumplicidade, na capacidade de reconhecer e aceitar defeitos e qualidades respeitando sua liberdade, tendo flexibilidade, sabendo perdoar, cedendo e respeitando-se mutuamente.

O casal Tarcísio e Glória conta que o marido consegue ser um avô bem diferente de quando era pai e tinha pouco tempo com os filhos, que vai ao encontro do que descreve Souza (2013) sobre as remodelações conjugais decorrentes do esvaziamento do lar, quando os filhos se tornam adultos, vão estudar e trabalhar fora ou se casam.

“Agora tem mais tempo para o casal. Ela brinca que agora tem motorista particular e tem os netos também. Ele está podendo ser o avô que como pai ele não foi porque trabalhava muito.”

Na fase Madura também é tempo de reinventar-se ocupando um novo lugar - o de avós - ao mesmo tempo que reinventam a relação conjugal. Conhecer o que cada um gosta de fazer, descobrir outra atividade diferente do trabalho, ocupar o tempo – estas são as novas demandas de um casal maduro.

Outra possibilidade também é reencontrar os amigos e passar mais tempo juntos, viajar etc. como descreve Souza (2013). em que a fase Madura que oferecerá a possibilidade de refletir sobre as fases anteriores e seus desafios e possibilitar ao casal a vivência da conjugalidade de forma muito particular.

“...Agora é só o casal. Viajamos com os amigos, para tomar um vinho, os programas são a 2. Namorar de novo e viajar sozinhos. A filha hoje pergunta: E eu não vou junto?” Risos

“Acho que agora estamos mais nós dois, hoje ele já é adulto, independente e os programas não incluem ele e ele não inclui os pais. O casal não pode acabar. O casal tem estudado, lido e conversado mais. Tem se interessado mais sobre política. O casal tem que estar sempre crescendo, não estagnar.”

Com o crescimento e maior autonomia dos filhos na vida, é necessária também uma readaptação dos filhos em relação ao casal de pais. Agora, juntos precisarão de tempo para se dedicarem a projetos novos ou aqueles que precisaram ser deixados para trás.

Neste momento, em que o casal tem mais tempo juntos dificuldades no relacionamento podem ressurgir de outras épocas quando os filhos ainda eram pequenos e demandavam atenção constante o trabalho também ocupava mais tempo. Esta é uma oportunidade para lidar com estes problemas, agora com uma maior maturidade.

O diálogo torna-se essencial nas relações familiares. Negociações, combinados e empatia foram pontos apresentados pelos entrevistados para manter a harmonia na família.

Ter planos para o futuro ajuda o casal a viver melhor na fase madura. Planos como viajar juntos ou não, praticar esportes, iniciar um curso de costura ou voltar a estudar foram atividades que os casais apontaram nesta fase.

No caso de Tarcísio e Glória, ela quer viajar e conhecer muitos lugares enquanto ele deseja ficar em casa porque viajou muito a trabalho nas fases anteriores do ciclo vital.

“Até pouco tempo a gente fazia muitas viagens, hoje não mais. Glória fazia o roteiro, toda parte de organização. Hoje ele não quer mais viajar, viajou muito na vida a trabalho. Mas eu viajo sem o marido, mas sinto que não é a mesma coisa. O lado bom é que tem mais liberdade, apesar de sentir uma sensação de que eu estou viúva risos.”

Estabilidade e segurança financeira parecem ser dois fatores essenciais nesta fase da vida e ao falar sobre os planos para o fim da fase madura e início da fase última também.

Luciano: *“Buscamos ter uma vida financeira estabilizada, um local para descanso e uma reserva financeira para as viagens, que se intensificarão com a aposentadoria do marido, prevista para 2029. Angélica: não acho que precisamos esperar a aposentadoria para viajar porque a vida é muito breve e tudo passa rápido demais. Acredito que precisamos antecipar tudo o que desejamos viver de bom e não deixar isso esperar.”*

“... Iris diz sobre ficar velhinhos, juntos, dar mais valor a estes momentos, viver bem, em paz, qualidade de vida. Para o casal qualidade de vida é fundamental. Com a maturidade estão se tolerando muito mais. Nosso planejamento é chegar na velhice com mais saúde possível, mais feliz possível e menos estresse.”

A fala dos entrevistados é corroborada pelas autoras que colocam que na meia idade, a própria natureza do casamento tende a mudar. Os relacionamentos estão cada vez mais caracterizados por amizade, companheirismo, igualdade, tolerância e interesses compartilhados (CORDOVA, 2009 *apud* MCGOLDRICK; PRETO; CARTER, 2016, p. 330).

Silvio: *“Assistimos um documentário chamado Minha história, de casais que contam suas histórias. O ponto em comum é o respeito entre eles. Pensamos em deixar tudo organizado para quando chegar lá. Até chegar lá a gente já aprendeu a brigar menos...”* Iris: *“Queremos ficar velhinhos, juntos, dar mais valor a estes momentos, viver bem, em paz ter qualidade de vida. Para nós qualidade de vida é fundamental. Com a maturidade estamos nos tolerando muito mais. Nosso planejamento é chegar na velhice com mais saúde possível, mais feliz possível e menos estresse.”*

O casal Luciano e Angélica também pensam e se preparam para os próximos anos da maturidade conjugal baseando-se na estabilidade financeira para viver a vida com qualidade. Fazer planos juntos faz com que o casal se prepare para o futuro.

Luciano: *“Buscamos ter uma vida financeira estabilizada, um local para descanso e uma reserva financeira para as viagens, que se intensificarão com a minha aposentadoria, prevista para 2029.”*

Angélica: *“Não acho que precisamos esperar a aposentadoria para viajar porque a vida é muito breve e tudo passa rápido demais. Acredito que precisamos antecipar tudo o que desejamos viver de bom e não deixar isso esperar.”*

Lázaro: *“Sempre! Sonhos, viagens sem os filhos, só os dois. Taís sempre quis costurar, aposentou e entrou na aula de costura.”* O casal diz ter sonhos juntos e individualmente. Taís: *“Ele gosta de coisas eletrônicas. Ambos dizem ter uma vida estável, compram uma casa grande pensando também nos filhos.”*

A família na maturidade está passando por muitas transformações, de forma que as relações precisam ser remodeladas como escreve Cervený e Berthoud 2007 uma vez que é nesta fase em que ocorre uma reformulação das relações entre pais e filhos, com a perda do vínculo anterior, onde surge a necessidade de as funções parentais serem revistas, bem como o realinhamento das fronteiras entre os membros da família e entre a família e o meio social. Esta remodelagem foi citada por todos os casais entrevistados quando perguntados sobre as mudanças enfrentadas pelo casal com o crescimento dos filhos.

Segundo eles, ter mais tempo para o casal passou a ser o principal item a ser percebido e/ou sentido por eles que com os filhos na fase adulta podem ocupar-se em resgatar projetos que antes não seria possível e fazer novos planos ou dedicar-se a uma nova atividade. Pode parecer uma dinâmica simples ou automática fazer esta retomada, mas vai muito além de tirar os planos da gaveta pois acontece juntamente com a remodelagem das relações. Os filhos passam a fazer suas próprias escolhas e é necessário tanto para o casal como para os filhos ressignificar seus lugares.

Quando perguntados sobre as expectativas para a próxima fase do ciclo vital- a fase última - o casal Tarcísio e Glória dizem conversar sobre a morte e o luto que terão que enfrentar, dizem o quanto é difícil se imaginarem sem o companheiro(a). Ambos desfrutam da energia intelectual que possuem para fazer trabalhos voluntários e se manterem ocupados enquanto Glória se preocupa com os cuidados com alimentação e saúde do marido:

Glória: *“Conversamos sobre a morte, somos tão ligados que não sei o que seria de mim com a morte dele, eu não sei o que seria de mim se perdesse o meu amor. Me preocupo com ele que só faz o que quer e o que gosta. Não cuida da saúde, ele não se cuida, não come direito, come doce, e isso a preocupa. Não tem muitos planos, já fizemos tudo o que queríamos. A gente estuda, e tem interesses*

por muitas coisas. Estudamos juntos, fazemos curso sobre política, coordenamos grupos, preparamos aulas. Tarcísio: Trabalho com uma ONG ajudando crianças de uma comunidade carente, com crianças que vivem na área rural”.

Isis: *“Gagá, com bengala, ranzinza”.* risos. *“A gente brinca que na conjuntura atual não compensa separar. Separar sai tão caro que vamos ficar juntos mesmo! A gente teve tanto percalço para chegar aqui, que não vale a pena separar”.* (risos)

Luciano: *“Que os olhares sejam amorosos, mesmo na velhice.*

Angélica: *“Que o casal continue lúcido, saudável e cheios de vida para ter uma velhice de qualidade juntos realizando nossos sonhos. Que a gente nunca deixe de sonhar!”*

Taís: *“Quando envelhecer ele vai me deixar, porque ele é superativo, corre, faz academia.”* (risos)

Lázaro: *“Construímos parceria, temos que entender que cada um precisa ter tempo de fazer suas coisas sozinhos.”*

Taís *“Ele não abre mão de nada para fazer as coisas dele e eu abro mão de tudo”.*

Lázaro: *“Ela sempre coloca os outros em primeiro lugar e depois ela. Acha que talvez tenha que aprender isso com ele. Hoje não temos empregada, dividimos tudo, acreditamos que isso nos ajuda a nos prepararmos para a velhice, é um ajudar o outro, fazer sua parte.”*

Foi percebido que para o casal mais velho, Tarcísio e Glória falar sobre a fase última traz emoções profundas sobre a vivência do luto, de ver-se só, sem o companheiro (a), diferente para os demais casais, que aos 25 anos de casamento veem a fase última ainda distante, com menos envolvimento e emoção, enquanto Taís olha com estranheza e preocupação quando Lázaro retoma atividades sozinho, que fazem sentido para ele das quais ela não deseja participar. Entender que este pode ser mais um desafio para os casais na fase madura pode ajudar a liberá-los de tensões desnecessárias nesta fase e apoiar-se na certeza de que a construção da conjugalidade poderá assegurá-los de um vínculo forte e saudável, baseado nas experiências que viveram até aqui.

Há desta forma o desejo de continuarem juntos e serem mais companheiros na velhice à medida em que vão se adaptando às novas demanda que a fase madura traz.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho foi um desafio importante e mobilizador tanto para os entrevistados como para a pesquisadora. Entrevistar casais na fase madura da relação pressupõe voltar no tempo e lembrar tantas histórias vividas e desafios superados, permitindo assim, atingir ao objetivo-geral proposto de “Conhecer e analisar, a partir de relatos de casais na fase madura, como vivenciaram a conjugalidade nas fases iniciais do ciclo vital (fase de aquisição e adolescente) e como estão vivenciando a conjugalidade na fase madura”.

Foi também um momento de reconhecer quão resilientes e parceiros foram nestes momentos, além de criativos na resolução de seus problemas. Ao longo de nossa conversa, alguns me perguntaram se eu era casada e tinha filhos, me integrando de forma carinhosa e buscando na pesquisadora elementos de conexão e ressonância.

A maturidade dos casais proporcionou uma conversa muito agradável e produtiva onde seguros de estarem juntos puderam rir e emocionar-se com as lembranças surgidas.

Em alguns momentos se davam conta do quanto já tinham vivido e como haviam evoluído até aqui. As perdas e lutos foram trazidos com emoção e amparado pelo cônjuge que vezes se via convidado a confirmar datas e circunstâncias com o propósito de ser o mais fidedigno possível na entrevista.

A entrevista foi iniciada com um “raport” a fim de a pesquisadora certificar-se de ter ganhado a confiança do casal, porém foi surpreendente como todos se engajaram imediatamente e sem reservas em cada uma das perguntas. O maior desafio durante a entrevista foi o controle do tempo delimitado em 1h30, mas que diante de perguntas tão mobilizadoras e memórias intensas sendo revividas era difícil para mim interromper, mas era necessário para que não se perdesse do objetivo da pergunta feita.

A cada fase do ciclo vital revisitada o casal trouxe o diálogo com fator essencial para o convívio a dois. O diálogo respeitoso, o diálogo acolhedor às vezes reconciliador depois de uma discussão acalorada, e também o silêncio por entender que naquele momento era melhor não dizer nada.

Isso me fez pensar que a conjugalidade consiste neste movimento constante como um passo de dança onde ambos experimentam lugares diferentes e formas

diferentes de vivenciar o que sentem um com o outro onde nasce a identidade do casal, compartilhada e única.

Os objetivos específicos definidos para esta pesquisa: compreender como se construiu a conjugalidade; conhecer os eventos marcantes na vida do casal; Identificar quais os conflitos que o casal vivenciou nas fases de aquisição, adolescente e madura do ciclo vital e as estratégias de resolução utilizadas e conhecer as expectativas do casal para a fase última foram atingidos, descritos pelos casais de forma bastante clara e participativa.

O Problema de Pesquisa desta pesquisa “Como os casais na fase madura vivenciaram a conjugalidade nas fases iniciais do ciclo vital (fase de aquisição, adolescente) e como estão vivenciando a conjugalidade na fase madura?” também foi respondido, tendo como principal item o diálogo em todas as fases do ciclo vital. Um diálogo que propicie encontro, ora entre o casal, ora junto com os filhos. Diante dos desafios apresentados em cada fase, estão morar juntos, dividir a vida, nascimento e morte de filhos na fase de Aquisição, filhos adolescentes, a saída dos filhos de casa, expectativas criadas e reencontro do casal na fase madura ao mesmo tempo em que se reconhecem individualmente nesta nova fase da vida.

Diante dos desafios citados o apoio da família de origem se fez muito importante principalmente na fase de Aquisição, onde o casal pode se basear nas relações conjugais de figuras próximas e a partir delas criar expectativas sobre seus novos papéis.

Acredito que seria importante adicionar mais um item à esta pesquisa: como o casal cuida dos pais idosos, como estrutura a vida conjugal diante deste novo desafio. Fica aqui a sugestão para próximas pesquisas.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, E.; ROMAGNOLI, R. C. **Conjugalidade**: Uma Leitura a Partir da Noção de Comunidade. Edith Stein. Psic.: Teor. e Pesq., Brasília, v. 35, e35429, 2019. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-37722019000100529&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 17 Mar. 2021.

BERTIN, I.P. Conjugalidade: a arte de conviver a dois. In: GONÇALVES, T. E. **1º Simpósio Regional de Terapia de Casais** – Esforços por uma clínica de “Nós”. 1. ed. Taubaté: Casa Cultura, 2013, p. 18 - 23

BIANCHI; X.G.; ESTREMER, J. **Ciclo vital**: crlris evolutivas. Fundación MF, 2003. p. 1-6. Disponível em: https://www.unida.org.ar/Bibliografia/documentos/Salud%20Comunitaria/Ciclo_Vital.pdf. Acesso em 12 jul 2021.

CARBONE, A.; COELHO, M.R.M. A família em fase madura. In: CERVENY, C.M.O; BERTHOUD, C.M.E. (Orgs.); **Família e Ciclo vital**: nossa realidade em pesquisa. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2009, p. 99 -117.

CERVENY, C.M.O. **A família como modelo – desconstruindo a patologia**. São Paulo: Livro Pleno, 2011.

CERVENY, C.M.O; BERTHOUD, C.M.E. Ciclo vital da família brasileira. In: Osorio L.C; VALLE, M.E.P (Colaboradores). **Manual de Terapia Familiar**. Porto Alegre, RS: Artmed, 2009.

CERVENY, C.M.O; BERTHOUD, C.M.E. **Visitando a família ao longo do Ciclo Vital**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2007.

COZBY, Paul C. **Métodos de pesquisa em ciências do comportamento**. São Paulo: Atlas, 2003.

DITTERICH R.G.; GABARDO M.C.L.; MOYSÉS S.J. **As Ferramentas de Trabalho com Famílias Utilizadas pelas Equipes de Saúde da Família de Curitiba**, PR. Saúde Soc. São Paulo, v.18, n.3, p.515-524, 2009.

FERES-CARNEIRO, Terezinha A Terapia de Casal: Ruptura ou manutenção do casamento? **Temas em Psicologia**, n.2, 1994. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/tp/v2n2a05.pdf>> Acesso em 19/06/2021

FERES-CARNEIRO, Terezinha. Casamento contemporâneo: o difícil convívio da individualidade com a conjugalidade. **Psicol. Reflexo. Crit.**, Porto Alegre, v. 11, n. 2, pág. 379-394, 1998. Disponível em <<http://www.scielo.br/scielo.php>. Acesso em 24 Mar. 2021

FIGUEIREDO, M. G de. Ninho cheio, geração canguru: a permanência do filho adulto em casa segundo a perspectiva dos pais. Orientadora: Profa. Dra. Geneide Maria de Oliveira Cervený. 2008. 192 fls. **Dissertação (Mestrado)** – Psicologia clínica. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GLADDING, S. T. **Family therapy history: theory, and practice**. Pearson, 2015.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Estatísticas de Gênero. **Notas Técnicas**. 2010. Disponível em: https://www.ibge.gov.br/apps/snig/v1/notas_metodologicas.html?loc=0 Acesso em 20 jun 2021.

MACHADO, I. m. Satisfação e Insatisfação no casamento. Os dois lados de uma mesma moeda? Programa de Pós-Graduação em Psicologia. **Mestrado** Universidade Federal de Uberlândia, Instituto de Psicologia 2007. Disponível em: http://www.webposgrad.propp.ufu.br/ppg/producao_anexos/014_Dissertacao%20LUCIANE%20MEDEIROS%20MACHADO.pdf. Acesso em 19 jun 2021.

MCGOLDRICK, M., PRETO, N.G., CARTER, B. **The Expanding Family Life Cycle: individual, family, and social perspectives**. Pearson, 2016.

MEDEIROS, Marcelo; OSORIO, Rafael. Arranjos Domiciliares e Arranjos Nucleares no Brasil: Classificação e Evolução de 1977 a 1998. **Texto para Discussão num. 788**. Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada. Brasília: abril de 2001.

MOSMANN, C.; WAGNER, A.; FERES-CARNEIRO, T. **Qualidade conjugal: conceitos mapeando**. Paidéia (Ribeirão Preto), Ribeirão Preto, v. 16, n. 35, pág. 315-325, dezembro de 2006. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-863X2006000300003&lng=en&nrm=iso. acesso em 15 de maio de 2021.

NORONHA, Maressa Maelly Soares; PARRONI, Stênio Ferreira. A evolução do Conceito de Família. **Revista Pitágoras**, v. 3, n. 3, p. 1-21, 2012.

OLIVEIRA, A.L.O; CERVENY, C.M.O. Visitando a fase madura. In: CERVENY, C.M.O. BERTHOUD, C.M.E. **Visitando a família ao longo do Ciclo Vital**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2007. p. 85 – 126.

OSÓRIO, L.C.; VALLE, M.E.P.do. **Terapia de Famílias: novas tendências**. Porto Alegre: Artmed, 2002.

PARDAL, A.E.C.P.; BASSIT, D.P.; WANDERLEY, K. S. A dinâmica inconsciente na escolha de parceiros para o casamento. **Boletim de Psicologia**; v. LVIII, n.129,

2008. Disponível em: <http://pepsic.bvs-psi.org.br/pdf/bolpsi/v58n129/v58n129a07.pdf>. Acesso em: 19 jun 2021

ROUDINESCO, E. **A família em desordem**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003.

SOUZA, M.T.S. Desafios e Resiliência na vida conjugal. In: GONÇALVES, T. E. **1º Simpósio Regional de Terapia de Casais** – Esforços por uma clínica de “Nós”. 1. ed. Taubaté: Casa Cultura, 2013, p. 24 - 43

YIN, R. K. **Estudo de caso: planejamento e métodos** (2a ed.). Porto Alegre: Bookman, 2001.

APÊNDICE A – Roteiro de Entrevista

1. Código da Entrevista:
2. Idade:
3. Profissão:
4. Cidade:
5. Tempo de união:
6. Possui filhos? Quantos?
7. Idade dos filhos?
8. Os filhos residem na mesma casa?
9. Motivo da saída dos filhos?
10. Com que idade o casal decidiu viver juntos?
11. Como imaginavam que seria viver como casal?
12. Como foi a experiência de se separar da família de origem?
13. Que tipo de combinados, acordos e adaptações foram necessários quando começaram a vida juntos?
14. O casal enfrentou problemas ou dificuldades nos primeiros anos de união? Quais?
15. Como solucionaram estes problemas?
16. Quais pessoas ou grupos foram mais próximos do casal no início da vida conjugal?
17. A relação do casal foi alterada com o nascimento dos filhos? O que mudou?
18. Quais dificuldades o casal vivenciou com o crescimento dos filhos?
19. Como conseguiu lidar com as dificuldades?
20. Com os filhos na idade adulta houve mudança na relação do casal?
21. O casal percebeu mudanças na família quando os filhos cresceram? Quais?
22. Como o casal lidou com estas mudanças?
23. O casal fez planos para o futuro? Quais?
24. Que expectativas o casal possui sobre viver juntos?

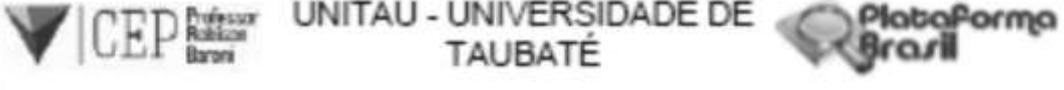
ANEXO 1 – Parecer Consubstanciado do CEP – número: 4.828.187

 CEP Professor Rubin Baroni	UNITAU - UNIVERSIDADE DE TAUBATÉ	
PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP		
DADOS DO PROJETO DE PESQUISA		
Título da Pesquisa: A VIVÊNCIA DA CONJUGALIDADE NAS DIFERENTES FASES DO CICLO VITAL: relatos de casais na fase madura		
Pesquisador: FLAVIA GUIMARAES RUBIN CARVALHO		
Área Temática:		
Versão: 1		
CAAE: 48420521.5.0000.5501		
Instituição Proponente: Universidade de Taubaté		
Patrocinador Principal: Financiamento Próprio		
DADOS DO PARECER		
Número do Parecer: 4.828.187		
Apresentação do Projeto:		
Neste trabalho será apresentada a família como um sistema ativo de relações que possui uma forma particular de organização e funcionamento e que apresenta um processo evolutivo que altera seu funcionamento e necessita assim ser reorganizada.		
Objetivo da Pesquisa:		
Conhecer e analisar, a partir de relatos de casais na fase madura, como vivenciaram a conjugalidade nas fases iniciais do ciclo vital (fase de aquisição e adolescente) e como estão vivenciando a conjugalidade na fase madura.		
 Avaliação dos Riscos e Benefícios:		
Riscos:		
Não há riscos decorrentes de sua participação na pesquisa. Para participar deste estudo, o(a) Sr.(a) não terá nenhum custo e nem receberá qualquer vantagem financeira. O(a) Sr.(a) receberá o esclarecimento sobre o estudo em qualquer aspecto que desejar e estará livre para recusar-se a participar e a recusa em participar não acarretará qualquer penalidade ou modificação na forma em que é atendido pelo pesquisador, que tratará a sua identidade com padrões profissionais de sigilo.		
Benefícios:		
Endereço: Rua Visconde do Rio Branco, 210 Bairro: Centro CEP: 12.020-040 UF: SP Município: TAUBATÉ Telefone: (12)3535-1233 Fax: (12)3535-1233 E-mail: cep@unitau.br		
Página 01 de 02		

ANEXO 1 – Parecer Consubstanciado do CEP – número: 4.828.187
(Continuação)

	UNITAU - UNIVERSIDADE DE TAUBATÉ	
<p>Continuação do Parecer: 4.828.187</p>		
<p>O casal que participar da pesquisa poderá rever e recontar a sua história, construindo novos significados e receber aconselhamento se for necessário, e encaminhamento para psicoterapia caso se revele algum desconforto em um dos cônjuges.</p>		
<p>Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:</p>		
<p>Riscos: Não há riscos decorrentes de sua participação na pesquisa. Para participar deste estudo, o(a) Sr.(a) não terá nenhum custo e nem receberá qualquer vantagem financeira. O(a) Sr.(a) receberá o esclarecimento sobre o estudo em qualquer aspecto que desejar e estará livre para recusar-se a participar e a recusa em participar não acarretará qualquer penalidade ou modificação na forma em que é atendido pelo pesquisador, que tratará a sua identidade com padrões profissionais de sigilo.</p>		
<p>Benefícios: O casal que participar da pesquisa poderá rever e recontar a sua história, construindo novos significados e receber aconselhamento se for necessário, e encaminhamento para psicoterapia caso se revele algum desconforto em um dos cônjuges.</p>		
<p>Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória: No TCLE foi retrado o timbre do comitê de ética; Foi incluído o termo de compromisso do pesquisador.</p>		
<p>Recomendações: Recomenda-se a aprovação do projeto.</p>		
<p>Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações: O projeto foi aprovado.</p>		
<p>Considerações Finais a critério do CEP: O Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade de Taubaté, em reunião realizada no dia 02/07/2021, e no uso das competências definidas na Resolução CNG/MG 510/16, considerou o Projeto de Pesquisa: APROVADO.</p>		
<p>Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:</p>		
<p>Endereço: Rua Visconde do Rio Branco, 210 Bairro: Centro CEP: 12.020-040 UF: SP Município: TAUBATÉ Telefone: (12)3835-1233 Fax: (12)3835-1233 E-mail: cep@unitau.br</p>		
<p>Página 10 de 10</p>		

ANEXO 1 – Parecer Consubstanciado do CEP – número: 4.828.187
(Continuação)

				
<p>Continuação do Parecer: 4.828.187</p>				
Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1769255.pdf	23/06/2021 13:40:58		Aceito
Declaração de Pesquisadores	Termo_pesquisador_flaviagrc.pdf	23/06/2021 13:40:23	FLAVIA GUIMARAES RUBIN	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE_flaviagrc.pdf	23/06/2021 13:39:07	FLAVIA GUIMARAES RUBIN CARVALHO	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Projeto_pesquisa.pdf	07/06/2021 10:20:54	FLAVIA GUIMARAES RUBIN CARVALHO	Aceito
Folha de Rosto	Folha_rosto_flavia_grc.pdf	07/06/2021 09:54:28	FLAVIA GUIMARAES RUBIN	Aceito
<p>Situação do Parecer: Aprovado</p> <p>Necessita Apreciação da CONEP: Não</p> <p align="center">TAUBATE, 05 de Julho de 2021</p> <p align="center">_____ Assinado por: Wendry Maria Paixão Pereira (Coordenador(a))</p>				

ANEXO 2 – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)

O(a) Sr.(a) está sendo convidado(a) a participar como voluntário(a) da pesquisa “**A vivência da conjugalidade nas diferentes fases do ciclo vital: relatos de casais na fase madura**”, sob a responsabilidade da pesquisadora “Flávia Guimarães Rubin Carvalho”.

Nesta pesquisa pretendemos “*conhecer e analisar, a partir de relatos de casais na fase madura, como vivenciaram a conjugalidade nas s fases iniciais do ciclo vital (fase de aquisição e adolescente) e como está vivenciando a conjugalidade na fase madura*” por meio de entrevista semiestruturada.

Não há riscos decorrentes de sua participação na pesquisa.

Para participar deste estudo, o(a) Sr.(a) não terá nenhum custo e nem receberá qualquer vantagem financeira. O(a) Sr.(a) receberá o esclarecimento sobre o estudo em qualquer aspecto que desejar e estará livre para recusar-se a participar e a recusa em participar não acarretará qualquer penalidade ou modificação na forma em que é atendido pelo pesquisador, que tratará a sua identidade com padrões profissionais de sigilo.

Os resultados da pesquisa estarão à sua disposição quando finalizada. Seu nome ou o material que indique sua participação não será liberado sem a sua permissão. O(a) Sr.(a) não será identificado em nenhuma fase da pesquisa e nem em publicação que possa resultar. Os dados e instrumentos utilizados na pesquisa ficarão arquivados com o pesquisador responsável por um período de 5 (cinco) anos. Este termo de consentimento encontra-se impresso em duas vias, sendo que uma cópia será arquivada pelo pesquisador responsável, e a outra será fornecida ao(à) senhor(a). Para qualquer outra informação o(a) Sr.(a) poderá entrar em contato com o pesquisador por telefone (12 99716-5600 “inclusive ligações a cobrar”) ou e-mail (flaviagrc@gmail.com).

Em caso de dúvidas com respeito aos aspectos éticos deste estudo, o(a) Sr.(a) poderá consultar o Comitê de Ética em Pesquisa – CEP/UNITAU na Rua Visconde do Rio Branco, 210 – centro – Taubaté, telefone (12) 3635-1233, e-mail: cep@unitau.br.

O pesquisador responsável declara que a pesquisa segue a Resolução CNS 466/12.

Consentimento pós-informação

Eu, _____, portador do documento de identidade _____ fui informado (a) dos objetivos da pesquisa “**A VIVÊNCIA da conjugalidade nas diferentes fases do ciclo vital: relatos de casais na fase madura**”, de maneira clara e detalhada e esclareci minhas dúvidas. Sei que a qualquer momento poderei solicitar novas informações sobre a pesquisa e me retirar da mesma sem prejuízo ou penalidade.

Declaro que concordo em participar. Recebi uma cópia deste termo de consentimento livre e esclarecido e me foi dada a oportunidade de ler e esclarecer as minhas dúvidas.

_____, ____ de _____ de 2021.

_____ Assinatura do(a) participante